

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE HISTÓRIA DA ARTE**

**ALINE LEMOS, REPRESENTAÇÃO FEMININA E QUADRINHOS
BRASILEIROS**

Jéssica Bernardi

Porto Alegre

2016

JÉSSICA BERNARDI

**ALINE LEMOS, REPRESENTAÇÃO FEMININA E QUADRINHOS
BRASILEIROS**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Bacharelado em História da Arte do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História da Arte.

Orientadora: Paula Mastroberti

Porto Alegre

2016

JÉSSICA BERNARDI

**ALINE LEMOS, REPRESENTAÇÃO FEMININA E QUADRINHOS
BRASILEIROS**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Bacharelado em História da Arte do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História da Arte.

Aprovada em ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Paula Mastroberti – UFRGS

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Daniela Pinheiro Machado Kern – UFRGS

Prof^o. Dr^o. Alessandro Mario Kerber – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me feito assim, do jeitinho que eu sou e (aparentemente) não terem se arrependido disso nem quando eu ligava em prantos porque algo não estava funcionando. Obrigada pelo amor diário, pelo apoio e pelo patrocínio! Se não fossem meus, eu comprava vocês.

Ao meu irmão, meu parça, cuja dedicação e paixão nunca deixam de ser uma inspiração.

A minha orientadora, Paula, e a todos os orientadores “honorários”, que ajudaram e acreditaram nesse trabalho enquanto eu duvidava (em segredo!) – especialmente: Daniela, Eduardo e Naieni.

Aos meus colegas, companheiros desses quatro anos: nas piadas e no desespero. Para mim, só ter conhecido vocês já valeu a faculdade inteira – nem precisava de formatura. Mas, se estou aqui, certamente também é por causa de vocês. Sentirei sempre saudade da loucura diária.

Aos meus amigos, que quase nunca entenderam as minhas referências, mas não deixaram de me amar (nem nos finais de semestre) – o que, no fim das contas, é a única coisa que importa.

A Aline Lemos e todas as outras mulheres que dedicaram um pouco do seu tempo para que esse trabalho pudesse existir (desculpe o incômodo!).

A minha família, que possivelmente nem sabe qual curso eu faço (ou o que farei com ele depois – mas isso, nem eu sei).

Para as minas

“Temos que dar, todas juntas, um chute na porta, porque sozinha ela não vai abrir”

Sirlanney Nogueira, em entrevista para Helô D’Angelo

RESUMO

A presente monografia aborda a produção de histórias em quadrinhos no Brasil a partir da ótica de uma artista: Aline Lemos, mineira que produz narrativas de temas variados, porém geralmente abordado questões de gênero e feminismo. Para melhor compreender a produção de Lemos, este trabalho apresenta dados sobre o sistema e a produção feminina no país, uma contextualização sobre Belo Horizonte, a cidade de Lemos, alguns autores destacados pela quadrinista e o meio de publicação independente, onde ela se insere. Como forma de tratar da representação feminina no trabalho da artista, um contexto é traçado partindo das artes visuais, trazendo questões referentes ao feminismo e à sexualidade da mulher e como essa se relaciona com seus retratos.

PALAVRAS-CHAVE:

Mulher. Feminismo. Histórias em Quadrinhos. Representação feminina. Sexualidade.

ABSTRACT

This monograph deals with the production of comic books in Brazil from the perspective of an artist: Aline Lemos, a Minas Gerais woman who produces narratives of varied themes, but generally addresses issues of gender and feminism. To better understand Lemos' production, this paper presents data on the system and the women's production on comics in the country, a contextualization about Belo Horizonte, Lemos' city, some authors emphasized by the comic book artist and the means of independent publication, where she is involved. As a way of dealing with female representation in the work of the artist, a context is drawn from the visual arts, bringing questions concerning feminism and women's sexuality and how it relates to their portraits.

KEY-WORDS:

Woman. Feminism. Comics. Female Representation. Sexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tira da série <i>Malakabeça, Fanika e Kbelluda</i>	p. 13
Figura 2 – Publicação em rede social de imagem de divulgação ao Troféu HQ Mix.....	p. 16
Figura 3 – Quadrinho para a divulgação do <i>Zine XXX</i>	p. 21
Figura 4 – Tira da <i>Turma da Mônica</i>	p. 31
Figura 5 – Tira da <i>Mafalda</i>	p. 31
Figura 6 – Capa brasileira do primeiro volume de <i>Card Captor Sakura</i>	p. 32
Figura 7 – Excerto de <i>Sandman</i>	p. 33
Figura 8 – Tira de <i>Malvados</i>	p. 34
Figura 9 – Página de <i>Daytripper</i>	p. 34
Figura 10 – Tira de <i>O Pintinho</i>	p. 36
Figura 11 – <i>no limits</i>	p. 36
Figura 12 – <i>O nascimento de Vênus</i>	p. 42
Figura 13 – <i>Mulher com meias brancas</i>	p. 43
Figura 14 – <i>Do women have to be naked to get into the Met. Museum?</i>	p. 46
Figura 15 – <i>Nair de Tefé e Chiquinha Gonzaga</i>	p. 47
Figura 16 – <i>A sub-representação feminina no imaginário dos autores</i>	p. 48
Figura 17 – <i>Garota Siririca #3</i>	p. 49
Figura 18 – <i>Garota Siririca #40</i>	p. 50
Figura 19 – Página #2 de <i>Melindrosa</i>	p. 52
Figura 20 – Página #8 de <i>Melindrosa</i>	p. 53
Figura 21 – Página #9 de <i>Melindrosa</i>	p. 54
Figura 22 – Capa da Revista <i>Fon-Fon Ano XXIX #9</i>	p. 55
Figura 23 – Página #4 de <i>Melindrosa</i>	p. 56

SUMÁRIO

Introdução.....	<i>p. 10</i>
Capítulo 1 – Mulheres nos quadrinhos brasileiros.....	<i>p. 12</i>
Capítulo 2 – Contexto.....	<i>p. 25</i>
Capítulo 3 – Aline Lemos e a representação feminina.....	<i>p. 39</i>
Considerações Finais.....	<i>p. 58</i>
Referências.....	<i>p. 60</i>
Apêndice I.....	<i>p. 64</i>
Apêndice II.....	<i>p. 85</i>

INTRODUÇÃO

O início do meu interesse por quadrinhos (de forma mais séria) se deu no ano de 2011, pouco depois de minhas primeiras leituras do gênero. Algumas leituras que realizei na época (como a *graphic novel* *Asterios Polyp*, de David Mazzucchelli¹) me causaram uma forte impressão, desenvolvendo mais do que apenas um gosto ocasional. No ano seguinte, realizei uma oficina de autopublicação em quadrinhos, na cidade de Passo Fundo, com os quadrinistas João Azeitona e Carlos Ferreira, e o editor S. Lobo². A princípio, meu interesse era em produzir quadrinhos, mas como acabei entrando no curso de História da Arte da UFRGS no ano de 2013, o desejo de estudar sobre quadrinhos ficou maior, embora a ideia ficasse adormecida por algum tempo. Na disciplina *Laboratório de Pesquisa em História da Arte* ³, realizada no sexto semestre do curso e que trata de fontes orais (como entrevistas), a discussão sobre o tema do Trabalho de Conclusão de Curso me fez voltar aos quadrinhos, especialmente depois de perceber como havia certa lacuna de trabalhos ligados a essa temática dentro da academia. A possibilidade de trabalhar com o feminismo e mulheres artistas também me atraía bastante, e o tema surgiu quase que naturalmente. Ainda nessa disciplina, realizei dois trabalhos muito importantes para o que se desenvolveu na sequência: um questionário online, que enviei a diversas quadrinistas de várias partes do Brasil⁴ e uma entrevista com a quadrinista Paula Mastroberti⁵, que se interessou pelo meu trabalho e acabou se tornando minha orientadora.

Como desdobramento desse questionário inicial, pude perceber que há uma presença muito forte das questões de gênero⁶ e feminismo dentro da produção de quadrinhos feita

¹ Publicada pela Editora Companhia das Letras em 2011.

² João Azeitona é ilustrador e colorista, dentre os trabalhos que realizou está a minissérie *The Secret History Of The Foot Clan*, das Tartarugas Ninjas, para a editora americana IDW. Carlos Ferreira é roteirista e ilustrador, participou de publicações como *Kardec* e uma adaptação em quadrinhos d'*O Castelo*, de Franz Kafka. S. Lobo é editor e roteirista, foi diretor da Editora Barba Negra e roteirista da HQ *Copacabana*.

³ Ministrada pelo Prof. Dr. Eduardo Veras, no ano de 2015.

⁴ Esse questionário não integra a versão final desse trabalho, mas o Anexo I desse trabalho é um desdobramento nos mesmos moldes.

⁵ Profa. Dra. integrante do Departamento de Artes Visuais da UFRGS, artista visual e quadrinista em publicações como *Adormecida: cem anos para sempre* e *Osrose: o Brasil e a Alemanha em quadrinhos*.

⁶ Para Joan Scott (1986, p. 1056), a expressão gênero se refere especialmente às relações entre os sexos, como uma palavra que define as construções culturais impostas aos corpos. Pode também ser usado como uma expressão para mulher (no sentido em que "estudos de gênero" tratam de questões relativas à mulher – especialmente em relação ao homem dentro da sociedade)

por mulheres atualmente no país – mesmo que ela represente apenas uma pequena fração dessas artistas. De qualquer forma, a produção feminina brasileira tarda a ser analisada de forma mais aprofundada – por muito tempo, as mulheres nos quadrinhos foram relegadas a notas de rodapé. Mesmo em movimentos alternativos as mulheres são segregadas, como foi a cena *underground* nos Estados Unidos dos anos 60 e 70, em que quadrinistas criaram suas próprias revistas (como a *Wimmen's Comix*) pois os homens não permitiam que elas publicassem em seus veículos (Cf. Mazur; Danner, 2014). Há ainda certa segregação atualmente no Brasil, como algumas das quadrinistas apontaram em suas entrevistas – mesmo dentro de um circuito independente, muitas dessas artistas encontram muito mais apoio em outras mulheres do que nos homens.

O objetivo desse trabalho não é delimitar ou definir o que são os quadrinhos hoje. Como Thierry Groensteen (2015, p. 23) aponta, muito acertadamente, definições muito restritivas acabam por excluir obras que, apesar de serem diferenciadas ou até mesmo vanguardistas, são, inegavelmente, histórias em quadrinhos. Definições muito amplas, contudo, acabam por incluir todo o tipo de produção. Não está, contudo, dentro do escopo desse texto discutir tais questões – como autora, entendo que definir quadrinhos como imagens seriadas unidas por uma narrativa⁷ compreendem obras que podem estar presentes em boa parte da História da Arte; mesmo assim, é algo preferível a delimitações arbitrárias que possam excluir importantes expressões do gênero. Não pretendo, também, adentrar em maiores questões sobre quando foi o surgimento dos quadrinhos – opto por concordar com Mazur e Danner (2014, p. 7), que as histórias em quadrinhos propriamente ditas, na formatação estabelecida atualmente, se desenvolveram no decorrer do século XIX.

Através do tema, fica claro que essa pesquisa, de forma alguma, almeja ser um compêndio do grande meio de quadrinhos ou um resgate exaustivo de quadrinistas mulheres no Brasil; mas, através de uma autora e sua obra, pretendo analisar aspectos que se apresentam em seu trabalho e que se relacionam com a produção feminina brasileira de quadrinhos, a representação da mulher em artes e discussões sobre o feminismo. É uma pequena contribuição que se debruça sobre um pequeno tema, mas ambiciona auxiliar essas mulheres a se estabelecerem nesse meio, para que possam desenvolver ainda mais seus trabalhos.

⁷ Ou “narrativa em imagens” (GROENSTEEN, 2015, p. 23)

CAPÍTULO 1 – MULHERES NOS QUADRINHOS BRASILEIROS

Ao realizar a leitura do projeto para esta pesquisa, Daniela Kern, professora do Instituto de Artes da UFRGS, onde estou concluindo o Curso de Bacharelado em História da Arte, comentou sobre como necessitamos de certos apêndices ao falar da arte feita por mulheres. Se se trata de homens artistas, podemos simplesmente falar sobre a obra. Mas, se a artista é uma mulher, acaba se tornando inevitável discorrer sobre esse contexto envolvendo a própria luta das mulheres para se inserirem no meio artístico, validar tais artistas perante seus contemporâneos homens e outras questões de gênero. É triste pensar em como ainda precisamos reafirmar tais questões – e, em se tratando de quadrinhos, não é diferente.

A autora Aline Valek, em um texto publicado em seu blog do ano de 2009, intitulado *Mulheres nos Quadrinhos*, sugere que o leitor, em um minuto, tente lembrar os nomes de autores de quadrinhos que o marcaram ou que considere genial. Segundo Valek, a maioria irá pensar em autores homens. Lembrar das mulheres demanda uma “forcinha extra”. Mas a verdade é que mulheres vem fazendo quadrinhos basicamente desde que eles começaram ser reconhecidos por esse nome. A quadrinista e teórica americana Trina Robbins escreveu alguns livros que resgatam nomes de mulheres que atuaram nessa área em seu país, como por exemplo a publicação *Pretty In Ink: North American Women Cartoonists 1896-2013*. São mais de cem anos de mulheres que produziram quadrinhos, algumas ainda no século XIX, como Rose O’Neill (1874-1944). No Brasil, nenhum livro com um resgate nesses moldes foi publicado, embora alguns trabalhos sobre quadrinistas existam e apontem autoras pioneiras, como a caricaturista Nair de Teffé (1886-1981), que atuava sob o pseudônimo de Rian, e a militante e escritora Patrícia Galvão (1910-1962), mais conhecida como Pagu e pela sua ligação com os modernistas brasileiros.

Figura 1



Patrícia PAGU Galvão (1910-1962)
Tira da série *Malakabeça, Fanika e Kbelluda*, 1931
Fonte: Lady's Comics¹

Ao lado do expressivo número de homens quadrinistas, contudo, as mulheres inevitavelmente aparecem como uma minoria. Seja no passado ou em retratos mais recentes, como o livro *Revolução do Gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil*, do pesquisador Paulo Ramos – uma obra massiva, com mais de 500 páginas, na qual há um sub-capítulo de duas páginas onde o autor menciona o site Lady's Comics² e uma entrevista realizada por ele com suas criadoras, além de algumas outras autoras, como a americana Alison Bechdel e a brasileira Cynthia B., perdidas dentro do compêndio (respectivamente, nas páginas 483, 283 e 158).

Podemos também nos voltar para o mercado editorial, e em como as mulheres são publicadas: a Companhia das Letras, uma das editoras líderes do mercado brasileiro, de acordo com matéria da Folha de São Paulo por Gonçalves e Colombo (2006), possui um selo dedicado apenas à publicação de quadrinhos – *Quadrinhos na Cia.*, com 107 títulos publicados de acordo com o catálogo online no site da editora. Destes, 16 títulos possuem uma mulher como autora (seja ilustradora, roteirista ou ambas). Entre 35 publicações de autores brasileiros, as mulheres aparecem em apenas 4 delas – e, em todos os casos, como roteiristas para ilustradores homens: a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz em duas obras biográficas sobre a família real portuguesa no Brasil do século XIX, a poeta Angélica Freitas em *Guadalupe*, e a escritora e jornalista Vanessa Barbara em *A Máquina de Goldberg*.

¹ Disponível em: <<http://ladyscomics.com.br/as-tiras-de-pagu>>. Acesso em 17 out. 2016.

² Sobre o qual falaremos mais detalhadamente adiante.

Podemos mencionar, também, o selo Barba Negra, ligado à editora portuguesa Leya, criado por S. Lobo e Christiano Menezes e que esteve na ativa entre 2010 e 2012. Com foco em humor e histórias em quadrinhos, o selo publicou diversos autores brasileiros e também contribuiu para trazer *graphic novels* estrangeiras do circuito alternativo, de acordo com Érico Assis (2012). Dentre as 18 publicações da Barba Negra que são de quadrinhos (outros gêneros, como biografias, também compõe o catálogo), apenas duas são de autoria feminina: *Koko Be Good*, da americana Jen Wang e *Uma Patada com Carinho* da brasileira Chiquinha, pseudônimo de Fabiane Langona.

No contexto de premiações, podemos citar o Prêmio Ângelo Agostini, criado em 1985 em homenagem ao artista brasileiro considerado primeiro criador de histórias em quadrinhos. De acordo com o site da Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo³, que criou a premiação, são atualmente nove categorias e para as quais podem votar quadrinistas, estudiosos e leitores – a votação é aberta e online por um período. Nos primeiros dez anos do troféu⁴, que compreendem de 1985 a 1994, nenhuma mulher foi premiada nas categorias de Mestre do Quadrinho Nacional (total de 31 premiados), Desenhista (total de 8 premiados⁵) e Roteirista (total de 7 premiados). Nos dez anos seguintes, de 1995 a 2004, duas mulheres receberam o troféu na categoria Mestre do Quadrinho Nacional (em 1996, Helena Fonseca e em 1997, Maria Aparecida Godoy, dentre 44 premiados), uma mulher na categoria Roteirista (em 1996, Lúcia Nóbrega entre 8 premiados), uma mulher na categoria Arte-técnica – colorista e letrista (em 2003, Lilian Mitsunaga dentre 5 premiados), uma mulher na categoria Arte-finalista (em 2003, Érica Awano entre 7 premiados) e nenhuma mulher nas categorias Desenhista (entre 8 premiados), Cartunista (entre 6 premiados) e Editor (entre 7 premiados). E nos últimos 12 anos, desde 2005 até o presente ano de 2016, uma mulher foi premiada na categoria Mestre dos Quadrinhos (em 2006, Sônia Luyten, entre 44 premiados), duas mulheres na categoria Roteirista (em 2007 e 2008, Anita Costa Prado e em 2013, Petra Leão, entre 11 premiados) e

³ Disponível em: <<http://aqcsp.blogspot.com.br/2014/12/31-trofeu-angelo-agostini-votacao-ja.html>>. Acesso em 17 nov. 2016.

⁴ A lista completa dos vencedores está disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_ganhadores_do_Pr%C3%A0mio_Angelo_Agostini>. Acesso em 17 nov. 2016.

⁵ Cada quadrinista é contabilizado uma única vez na década, mesmo que ganhe a premiação em mais de um ano; a categoria de Mestre do Quadrinho Nacional é a única que não pode premiar a mesma pessoa em mais de um ano.

nenhuma mulher nas categorias Desenhista (entre 11 premiados) e Cartunista (entre 8 premiados). A categoria Desenhista nunca premiou nenhuma mulher, em trinta anos de Troféu.

Outra premiação importante é o troféu HQ Mix, que está na sua vigésima oitava edição. A comissão julgadora é composta de 11 pessoas no total, entre elas os dois presidentes (homens) e 3 mulheres. A premiação vem ocorrendo desde 1988⁶. As duas últimas edições são as que estão disponíveis na página online do evento e podemos perceber: na 27ª edição⁷, que premiou os melhores de 2014, a mulher que mais se destaca é Lu Cafaggi – ela recebeu o prêmio de Novo Talento, um dos dois dados a mulheres (o outro foi Tira Nacional, a Laerte por *Manual do Minotauro*), Roteirista Nacional (que seu irmão, Vitor Caffaggi também recebeu) e, pelo trabalho *Turma da Mônica – Laços*, feito em conjunto com o irmão, recebeu ainda outros dois prêmios: Edição Especial Nacional e Publicação Infanto-Juvenil. Além disso, a história online *Terapia*, feita por um coletivo com uma integrante mulher, Marina Kurcis, foi premiada na categoria Web Quadrinhos. Num total de 38 categorias (dentre as quais 6 não poderiam enquadrar pessoas, então não são qualificáveis), mulheres ganharam o prêmio sozinhas em apenas duas delas, e, em quatro categorias, duas mulheres ganharam em conjunto com homens.

A vigésima oitava edição do Troféu HQ Mix, que premiou os melhores de 2015, foi um pouco mais variada – num total de 34 categorias⁸ (e 4 não qualificáveis), cinco mulheres receberam o troféu: Camila Torrano, como Novo Talento Desenhista; Cris Peter como Colorista/Arte-Finalista; *Beco do Rosário Vol 1* de Ana Luiza Koehler como Publicação Independente de Autor; Eva Funari como Grande Mestre dos Quadrinhos; e Alice Takeda como Grande Homenagem. Outras três publicações coletivas que continham mulheres dentre seus autores também receberam prêmios: *Turma da Mônica – Lições*, de Vitor e Lu Caffaggi, como Publicação Juvenil; *Guia Culinário do Falido em Quadrinhos* (por Leo Finocchi, Marília Bruno, Samanta Flôor, Felipe 5Horas e Fernanda Chiella) como Publicação de Humor e *O Fabuloso Quadrinho Brasileiro de 2015* (antologia com 37 autores e organizado por Rafael Coutinho e Clarice Reichstul).

⁶ De acordo com a página do troféu. Disponível em: <<http://hqmix.com.br/o-trofeu>>. Acesso em 17 nov. 2016.

⁷ A lista completa dos vencedores está disponível em: <<http://hqmix.com.br/blog/noticias/vencedores-do-trofeu-hqmix-2014/>>. Acesso em 17 nov. 2016.

⁸ A lista completa dos vencedores está disponível em: <<http://hqmix.com.br/blog/noticias/os-melhores-de-2015-trofeu-hqmix/#more-148>>. Acesso em 17 nov. 2016.

Uma das histórias incluídas em *O Fabuloso Quadrinho Brasileiro de 2015* é da autora LoveLove6 e se chama *A sub-representação feminina no imaginário dos autores* – na qual fala sobre a repetição dos mesmos padrões femininos na ficção, em especial a mulher como objetivo romântico/sexual.

Aqui, cabe um parênteses, pois a questão da objetificação do corpo feminino nos quadrinhos é uma das que mais incomodam as mulheres que atuam no setor em todas as partes do mundo. Por exemplo, temos o caso, em 3 de setembro de 2015, do Troféu HQ Mix que usou como imagem de divulgação, a figura de uma mulher hiper-sexualizada em postagem na sua página no Facebook⁹.

Figura 2



Publicação em rede social de imagem de divulgação ao Troféu HQ Mix em set. 2015

Fonte: A Coisa Toda¹⁰

Como vemos, não basta a evidente disparidade em premiar uma quantia muito maior de homens do que mulheres. Apesar de ter sido modificada, a imagem a imagem da mulher hiper-sexualizada repercutiu em diversos meios e gerou diversos textos críticos sobre a postura do troféu. Em especial, cito uma carta aberta organizada pelo grupo Mulheres em

⁹ Maiores informações sobre a situação em matéria do site A Coisa Toda. Disponível em: <<http://acoisatoda.com/2015/09/03/hqmix-erra-feio-erra-rude/>>. Acesso em 20 nov. 2016.

¹⁰ Disponível em: <<http://acoisatoda.com/2015/09/03/hqmix-erra-feio-erra-rude/>>. Acesso em 20 nov. 2016.

Quadrinhos¹¹ direcionada ao HQ Mix com mais de 60 assinaturas incluindo pessoas, publicações, coletivos, organizações e páginas), na qual a ilustração de divulgação do prêmio é condenada, em virtude do contexto de luta por parte das autoras e leitoras de quadrinhos por maior espaço e representatividade no meio. A resposta dos organizadores da premiação não incluiu nenhum pedido de desculpas, mas contestou a carta, afirmando que haviam sido "mal interpretados".

Fecho o parênteses, e retorno ao projeto *O Fabuloso Quadrinho Brasileiro de 2015*: foi uma antologia organizada pelos dois nomes mencionados acima mais um editor convidado, Érico Assis. Houve uma chamada pública para que artistas enviassem seus trabalhos e, de acordo com a Ugra Press¹² (que agora vende as publicações da Narval, editora de Rafael Coutinho e que encerrou suas atividades em junho de 2016), foram recebidas produções de 259 autores nacionais, além de quadrinistas que foram convidados pelos organizadores. Destes, 37 autores foram selecionados para a publicação final – e apenas 4 dessas quase quarenta pessoas são mulheres (as publicadas foram LoveLove6, Laerte, Chiquinha e Alexandra Moraes)¹³. A proporção injusta repercutiu nas diversas comunidades do meio – como por exemplo a postagem do blog Collant Sem Decote escrita por Rebeca Puig (2015) e intitulada *It's A Trap! – O (Não Tão) Fabuloso Quadrinho Brasileiro 2015*. A reação obrigou os editores a emitir uma carta de desculpas por parte dos editores postada na página do projeto no *Facebook*¹⁴, na qual eles reconhecem não terem se preocupado com tal disparidade – embora apontem, como justificativa, terem recebido uma quantia proporcionalmente menor de trabalhos de mulheres, 51 autoras para o total de 259. Ainda que a explicação seja válida, a proporção de trabalhos inscritos por homens e mulheres é comparativamente maior do que a que acabou selecionada para a versão final.

¹¹ Sobre o qual falaremos mais detalhadamente adiante.

¹² Disponível em: <<http://ugrapress.webstorelw.com.br/products/o-fabuloso-quadrinho-brasileiro-de-2015>>. Acesso em 17 nov. 2016.

¹³ A lista completa dos autores contemplados está disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/noticia/o-fabuloso-quadrinho-brasileiro-de-2015-divulga-a-sua-lista-de-autores/>>. Acesso em 17 nov. 2016.

¹⁴ A carta está disponível em: <<https://www.facebook.com/fabulosoquadrinhobrasileiro2015/posts/906261269459939>>. Acesso em 11 nov. 2016.

O Festival Internacional de Quadrinhos, ou FIQ, é o principal evento voltado aos quadrinhos na América Latina¹⁵ e ocorre bienalmente em Belo Horizonte. A edição mais recente ocorreu em 2015 e, entre mesas, palestras, conversas e outras atividades envolvendo quadrinistas, foram um total de 36 programações¹⁶. Destas, mulheres participaram de 29 e, em 14, quem mediava tais programas eram elas. Um total de 36 mulheres estava presente nas programações do FIQ, sendo a maioria brasileira.

Se as mulheres acabam por publicar pouco em editoras – como os dois exemplos mostrados demonstram – mas se fazem presentes em 80% das atividades do FIQ, onde está o trabalho dessas mulheres? Uma importante plataforma é a *internet*, onde essas autoras publicam seus trabalhos e desenvolvem uma base de fãs. A partir disso, podem tanto ser abordadas por editoras ou, ainda, recorrem ao financiamento coletivo. A plataforma mais conhecida no Brasil nesses moldes é o Catarse, criado em 2011 e, de acordo com o próprio site¹⁷, a primeira e maior plataforma de crowdfunding brasileira. O financiamento coletivo é um caminho para que pessoas desenvolvam um projeto e coloquem um valor como meta – o público, por sua vez, escolhe apoiar financeiramente os projetos e, caso estes atinjam o valor desejado, eles podem então se tornar realidade. Até o momento¹⁸, 232 projetos na categoria de quadrinhos foram financiados pelo Catarse, desde a sua criação. Destes, 35 são projetos de autoria feminina¹⁹.

Uma iniciativa que apresenta maior igualdade de gênero é a *Mês*, um zine mensal desenvolvido por Augusto Botelho e Daniel Lopes, contendo trabalho destes e também de artistas convidados. Dentro das 12 primeiras edições, publicadas no decorrer de 2013, foram convidadas 35 pessoas, das quais 16 eram mulheres²⁰. As edições dos meses Abril, Maio e Agosto são as únicas que não possuem nenhuma mulher dentre seus autores. No ano de 2015, foi lançada uma Antologia que, financiada através do Catarse, publicou além de seus agora 3 editores (Antônio Silva entrou no grupo em 2014), 24 autores, dos quais 18 eram

¹⁵ No ano de 2011, inclusive, superou a Comic-Com de San Diego (CA) em público e foi considerado o maior evento do gênero em toda a América, de acordo com Rich Johnston (2011).

¹⁶ De acordo com a página do evento. Disponível em: <<http://fiqbh.com.br/?page=1>>. Acesso em 11 nov. 2016.

¹⁷ Disponível em: <https://www.catarse.me/pt/press?ref=ctrse_footer>. Acesso em 09 nov. 2016.

¹⁸ Ou seja, até o dia 09 de novembro de 2016

¹⁹ Optei por não contabilizar os coletivos, a menos que fossem iniciativas eminentemente femininas, como o Zine XXX e a Revista Risca (sobre os quais falaremos mais detalhadamente adiante).

²⁰ Sobre as 12 primeiras edições da revista, maiores informações disponíveis em: <<https://www.catarse.me/mes>>. Acesso em 11 nov. 2016.

mulheres²¹. Em 2016, o projeto foi retomado no formato inicial de zines mensais e, nas 8 edições lançadas até o momento, foram convidadas 13 pessoas além dos 3 editores, das quais 6 eram mulheres²².

Como é possível perceber, as quadrinistas ainda tem sua presença diminuída no meio – mas elas existem e lutam por mais espaço. Algumas iniciativas exclusivamente femininas valem a menção por buscarem formas de colocar essas mulheres no mapa, como o blog *Lady's Comics*, o grupo de discussão *Mulheres em Quadrinhos* no Facebook, o *Zine XXX* e a *Revista Inverna*.

O *Lady's Comics* surgiu em setembro de 2010²³ como uma iniciativa de 3 mulheres que desejavam falar sobre mulheres e histórias em quadrinhos. Mariamma Fonseca, Luciana Cafaggi e Samanta Coan criaram o blog para trazer informações que interessasse a um público feminino, assim como informar sobre a própria mulher que produz quadrinhos. Mesmo assim, a página é lida por ambos os sexos e pode ser considerada uma importante referência na intersecção dos temas – o autor Paulo Ramos (2012, p. 484) inclusive destaca a pesquisa feita pelas autoras do blog para os artigos publicados. O site também foi o pontapé para outras iniciativas importantes, como as duas edições do Encontro *Lady's Comics*, ocorridas em outubro de 2014 e julho de 2016, na cidade de Belo Horizonte (MG) – foi o primeiro evento sobre o tema mulheres e quadrinhos no Brasil, reunindo mais de 200 pessoas e 15 convidados brasileiros em sua primeira edição²⁴ e, na segunda, o evento teve 30 convidadas, 20 feirantes, uma exposição e visitação de cerca de 2000 pessoas²⁵; o BAMQ!, ou Banco de Mulheres Quadrinistas, no qual quadrinistas brasileiras inscrevem seus nomes e eles são registrados em um banco de dados, dentro da página *Lady's Comics* – até o momento, constam 59 nomes²⁶; e a primeira edição da *Revista Risca*, na qual constam “matérias,

²¹ Sobre a antologia, informações disponíveis em: <<https://www.catarse.me/pt/antologiamex>>. Acesso em 09 nov. 2016.

²² Informações disponíveis em: <<http://meseditora.com/loja/>>. Acesso em 27 out. 2016.

²³ De acordo com a página do blog. Disponível em: <<http://ladyscomics.com.br/senhoras-e-senhores>>. Acesso em 10 nov. 2016.

²⁴ De acordo com uma matéria do blog. Disponível em: <<http://ladyscomics.com.br/tchau-2014>>. Acesso em 10 nov. 2016.

²⁵ De acordo com uma matéria do blog. Disponível em: <<http://ladyscomics.com.br/agradecimentos-2elc>>. Acesso em 10 nov. 2016.

²⁶ Iniciativa similar foi feita pela quadrinista Aline Lemos, que criou um documento aberto no qual listou nomes de mulheres envolvidas na criação de quadrinhos a partir do início do século XX – intitulado *A Legião de Mulheres nos Quadrinhos no Brasil* e que consta com 434 nomes até o momento. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1prkSTfLj3lLzhLiT6oeQLamleG9loM3D5aFV1NfbvAg/edit?pref=2&pli=1#heading=h.rvej5fkhis2t>>. Acesso em 10 nov. 2016.

entrevistas e quadrinhos sobre a presença da mulher negra nas HQs, identidade de gênero, aborto e as precursoras da nona arte no Brasil”, de acordo com a página da revista²⁷.

O Grupo Mulheres em Quadrinhos²⁸ foi criado em março de 2012 (Cf. MASTROBERTI, 2014) dentro da rede social Facebook, e seu objetivo vem ao encontro do blog *Lady's Comics* – possibilitar discussões e troca de informações sobre a presença feminina em quadrinhos. O grupo foi criado por Paula Mastroberti mais três administradoras, Juliana Dalla, Cris Peter e Ana Luiza Koehler, e conta, atualmente, com mais de 3000 membros. A motivação para sua criação foi uma discussão, iniciada por Mastroberti, na mesma rede social sobre quem eram as mulheres brasileiras que publicavam quadrinhos no Brasil. Essa autora, posteriormente, escreveu um artigo, intitulado *Mulheres em quadrinhos no Brasil: o cantar das sereias pescadas pela rede*, sobre discussões que ocorreram dentro do grupo e o apresentou na edição de 2014 do congresso argentino *Viñetas Serias*, ocorrido na Facultad de Ciencias Sociales da Universidad de Buenos Aires. O próprio *Lady's Comics* publicou um texto escrito por Samanta Coan (2012) no qual reuniu opiniões de membros do *Mulheres em Quadrinhos* sobre representação e presença feminina no meio quadrinístico. É necessário assinalar, portanto, a relevância desse projeto para o tema.

A *Zine XXX*²⁹ foi uma ideia da carioca Beatriz Lopes que, percebendo a disparidade no número de homens e mulheres publicados, decidiu desenvolver uma publicação exclusivamente feminina. O projeto foi inserido no Catarse em 2013 e, alcançado quase o dobro do valor da meta, 5 zines foram lançadas no início de 2014, cada uma com capa de uma quadrinista diferente, contendo 145 páginas no total e publicando 72 autoras. O projeto, apesar de não ter dado continuidade à publicação impressa, ainda existe através de uma página³⁰ com mais de 7000 seguidores, que divulga periodicamente quadrinhos e publicações femininas e LGBT, e um grupo³¹ para a discussão de histórias em quadrinhos com mais de

²⁷ Disponível em: <<http://lojaladyscomics.iluria.com/pd-2bfoob-revista-risca-1.html?ct=&p=1&s=1>>. Acesso em 10 nov. 2016.

²⁸ É um espaço fechado, ou seja, não-membros não podem visualizar as discussões – mas é possível solicitar permissão para se tornar membro. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/248968211860613/>>. Acesso em 10 nov. 2015.

²⁹ Maiores informações sobre o projeto disponíveis em: <<https://www.catarse.me/zinexxx#about>>. Acesso em 16 nov. 2016.

³⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/zinexisxisxis/>>. Acesso em 16 nov. 2016.

³¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/412768682173074/>>. Acesso em 16 nov. 2016.

3000 membros (são permitidas, de acordo com a descrição do grupo, apenas mulheres cis/trans e homens trans), ambos na rede social Facebook.

Figura 3



APÓIE ZINE XXX

CATARSE.ME/PT/ZINEXXX

Laura Lannes

Quadrinho para a divulgação do Zine XXX, 2013

Fonte: Lady's Comics³²

A Revista Inverna foi idealizada por Paula Mastroberti no ano de 2012³³ após seu contato com a *Spring Magazin*³⁴, em viagem à Alemanha fruto de um intercâmbio para o Projeto Osmose³⁵. É uma publicação composta exclusivamente de histórias em quadrinhos

³² Disponível em: <<http://ladyscomics.com.br/zine-xxx>>. Acesso em 29 nov. 2016.

³³ De acordo com a página da revista. Disponível em: <<https://invernablog.wordpress.com/press-kit-revista-inverna-digital/about/>>. Acesso em 18 nov. 2016.

³⁴ Revista alemã independente criada em 2004, que combina quadrinhos, ilustração e desenho e é desenvolvida por um grupo de mulheres.

³⁵ Cabe a nota de rodapé: o livro Osmose foi lançado na Feira de Frankfurt em 2013, a mesma em que Maurício de Souza, criador da Turma da Mônica e importante quadrinista brasileiro, ao ser indagado sobre a falta de autoras mulheres, afirmou que "A mulher ainda não tem essa liberdade sem vergonha que homem tem, de

feitas por artistas, selecionadas por quatro mulheres de diferentes locais dentro do Brasil – buscando evitar que todas fossem de uma única região e trazendo para a publicação um tom de “panorama” brasileiro. A Inverna buscou fundos para impressão através do Catarse, mas não chegou a atingir a meta financeira necessária, antes, o seu projeto já havia sido aprovado pela Lei Rouanet – porém não conseguiu patrocínio através do setor privado. Sua publicação acabou se dando por via eletrônica, em julho de 2016, através das plataformas de leitura Social Comics e Tapastic³⁶. Possui também uma versão (já publicada nas mesmas mídias) em inglês. Destaca-se ainda por possuir o registro no ISNB, pouco comum em obras publicadas por vias independentes. Quinze mulheres, entre roteiristas e ilustradoras, estão contempladas nas mais de 60 páginas da revista.

A escolha pela Revista Inverna como recorte para um questionário é tanto pela facilidade e acessibilidade – com uma das idealizadoras sendo minha orientadora, me foi possível entrar em contato com as autoras com extrema facilidade –, sua publicação recente e também pela sua comissão, que almeja trazer mulheres de todo o país para a publicação. O questionário se torna uma forma de contornar a escassa bibliografia sobre mulheres que produzem (ou mesmo produziram) histórias em quadrinhos no Brasil – são pouquíssimos textos dedicados ao assunto, muitos deles surgindo apenas bem recentemente. É uma forma de ajudar a perceber o lugar dessas artistas no meio, gerando dados que possibilitem estudos mais aprofundados sobre o tema³⁷.

As artistas presentes na Revista são: Aline Daka, Aline Lemos, Cátia Ana, Dani Karasawa, Fernanda Fuscaldo, Hévilla Costa, Juliana Dalla, Kellen Carvalho, Lorena Kaz, Natalia Matos, Paula Mastroberti, Studio Seasons (representado por Montserrat), Thaís Gualberto, Valéria Paes e Mariana Waechter. Destas, apenas 4 não responderam o questionário: Paes, Waechter, Costa e Dalla.

A partir do questionário, é possível perceber: as idades variam de 25 a 53 anos, sendo 4 autoras entre 21 e 30 anos, 5 entre 31 e 40 anos e 2 acima dos 41 anos. A maioria está concentrada na região Sudeste do país: 5 quadrinistas, enquanto outras 3 residem na região Sul, 2 na região Nordeste e 1 na região Centro-Oeste – apenas a região Norte não possui

trabalhar sem horários, voltar para casa tarde. Tem outras obrigações além do trabalho, tem que cuidar da casa, dos filhos. Quadrinho exige muito tempo de dedicação.” (Cf. Malaguetas, 2013)

³⁶ A revista está disponível para leitura através do link: <<https://tapastic.com/series/Revista-Inverna-Volume-1>>. Acesso em 18 nov. 2016.

³⁷ Os questionários constam como um dos apêndices do presente trabalho.

nenhuma representante. As graduações mais usuais envolvem artes e design gráfico – 8 das autoras apresenta alguma formação envolvendo pelo menos uma dessas áreas; comunicação, letras e educação também aparecem, assim como arquitetura e engenharia. As publicações independentes e digitais são as mais mencionadas quando questionadas sobre onde as obras dessas artistas aparecem, além de revistas e compilações – poucas publicaram suas histórias através de editoras, por exemplo. As referências para o trabalho dessas autoras são bastante variadas, mas 8 delas cita pelo menos uma mulher como importante para sua produção; não apenas quadrinistas aparecem, mas escritores ou artistas visuais são lembrados, das mais variadas nacionalidades.

O envolvimento no meio de quadrinhos se inicia, para parte das autoras, muito cedo, ainda na infância ou adolescência, especialmente através da leitura de histórias em quadrinhos e da prática do desenho – mas o caminho para uma produção mais seria, na idade adulta, geralmente tem mais a ver com o meio underground ou independente/alternativo, comentaram 5 das entrevistadas, especialmente envolvendo a produção de zines. O contato com outros quadrinistas ou pessoas que se interessem pelo tema tende a ser um estímulo importante, apontado por 4 das autoras. Quando questionadas se o feminismo influenciou seu trabalho, apenas 2 autoras responderam que não; a maioria acredita que a influência é indireta, no sentido de não necessariamente trazer o tema “feminismo” para a obra, mas como uma ferramenta para repensar e trabalhar melhor personagens e histórias. Algumas das autoras, contudo, afirmam que suas posições nesse sentido acabam, inevitavelmente, sendo bastante importantes para aquilo que criam – aparecendo como tema da produção. Por fim, quando questionadas se já haviam sofrido preconceito no meio dos quadrinhos, 6 autoras responderam que não – pelo menos não de uma forma mais ofensiva. As que deram uma resposta afirmativa comentam que situações mais comuns envolvem ter seu trabalho desprezado porque são mulheres. O número desigual de mulheres em premiações, eventos e publicações foi lembrado, como exemplo desse preconceito estrutural.

A maioria das autoras da Revista Inverna está, de alguma forma, ligada ao feminismo e acredita que ele é importante para o que produz; e, em geral, para elas, o preconceito de gênero se apresenta de forma mais velada – naquilo que a escritora Aline Valek (2016) chama de “machismo das ausências”, ou as diversas formas através das quais uma mulher tende a ser empurrada para o esquecimento em detrimento de um homem, ou as barreiras invisíveis

que se impõe a ela. Mesmo que as iniciativas exclusivamente femininas mencionadas nesse capítulo podem, eventualmente, recair no problema de segregação, não podemos deixar que a situação demonstrada de desigualdade passe impune, permitindo o apagamento de toda uma produção de mulheres que são silenciosamente ignoradas.

CAPÍTULO 2 – CONTEXTO

Como foi possível notar nas respostas enviadas pelas autoras da Revista Inverna ao questionário proposto, a maioria delas percebe influência indireta do feminismo em seu trabalho – como uma forma de repensar personagens e construir narrativas. Lendo a Revista Inverna, tal afirmação se confirma, com todas as histórias girando em torno de protagonistas femininas¹. A importância de mulheres que escrevem e dão vida a personagens femininas se apresenta, especialmente, em questões de representatividade – por vezes, tão escassas em quadrinhos de autoria masculina. Visualmente, as histórias são muito diferentes umas das outras, incluindo narrativas em preto e branco, coloridas, inspiradas em mangá², ou figuras tão delicadas quanto de traços mais duros, além de uma história composta de imagens fotográficas. Os temas também variam imensamente, envolvendo histórias biográficas familiares, suicídio, lendas indígenas, situações cotidianas à realidade das mulheres, realismo fantástico, aceitação, cumplicidade feminina, ficção científica e até uma subversão da usual sexualização de partes do corpo feminino, tal como se encontra em algumas histórias em quadrinhos. São histórias escritas por mulheres, com protagonistas femininas, mas que não se limitam a um ou dois temas – sua variedade remete à diversidade sociocultural das autoras e desmente certa noção popular, inclusive comentada nas respostas dos questionários, de que o quadrinho de autoria feminina é limitado, com conteúdo raso, “fofo”³ ou direcionado apenas para mulheres.

Como a ideia inicial do presente trabalho é tratar de quadrinistas brasileiras que tratam de questões de gênero e feminismo, uma autora foi escolhida em especial para limitar o recorte: a mineira Aline Lemos, devido à forte conexão do seu trabalho com o tema. A quadrinista, de acordo com biografia cedida pela própria⁴, nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1989; possui mestrado na área de História e formação complementar nas áreas de Design Gráfico e Artes Plásticas. Apesar de possuir interesse por quadrinhos desde a infância, a

¹ Um dos motivos para tal resultado é que *mulher brasileira* é o tema da revista.

² Como são chamados os quadrinhos de origem japonesa.

³ O fofismo é uma tendência, especialmente presente em artes gráficas e ilustração, de desenhos em traços graciosos e delicados, geralmente retratando temas sensíveis ou fantasiosos.

⁴ A nota biográfica enviada por mensagem eletrônica pela autora em novembro de 2016 tem menos de quatro linhas, é um breve parágrafo informando sua data e local de nascimento, início da produção, formação e participação em coletivos.

autora voltou-se para a produção em 2013, atuando de forma independente desde então. Dentre suas publicações, então os zines: Liturgia das Bruxas (2014)⁵, Vênus (2014)⁶ e Melindrosa (2015)⁷, além de trabalhos publicados em edições coletivas, como os já mencionados Zine XXX e a Revista Inverna. Aline também posta ilustrações e quadrinhos em uma página online, a Desalineada⁸, além de atuar muito proficuamente em redes sociais, como o Facebook⁹ e o Tumblr¹⁰. Lemos ainda participa dos coletivos ZiNas (Belo Horizonte), 100 Têtes (Angoulême) e Mandíbula¹¹. A autora já tratou de temas como relacionamentos, abuso, representatividade, aborto, mulheres na arte e muitos outros; muitas vezes, esses temas são explorados de forma a comentar e suscitar questões sobre gênero e feminismo. Levando em consideração que o presente capítulo trata de uma contextualização, esta será tecida a partir da autora escolhida para estudo de caso – suas influências, assim como o meio e período de produção de Lemos.

Como uma autora nacional que se voltou para a produção de quadrinhos no início dos anos 2010, é inevitável comentar sobre as políticas públicas surgidas no período que foram essenciais para o desenvolvimento de diversos trabalhos na área. No ano de 2006, o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola)¹² passou a incluir, em seu edital de seleção, obras em quadrinhos, o que gerou uma procura por parte de editoras por obras do gênero, a serem lançadas em grandes tiragens – como aponta Paulo Ramos (2012, p. 223), os lançamentos em quadrinhos, até então, ficavam entre um e três mil unidades, e o Governo realizava compras entre 15 mil e 48 mil cópias. O número de obras do gênero adquiridas pelo programa também saltou de 10, no ano de 2006, para quase 30, em 2010, ainda conforme Ramos (2012, p. 223). Tal situação, além de disseminar a leitura de histórias em quadrinhos entre leitores jovens, e de gerar interesse por parte de editoras, deu maior visibilidade a autores, aquecendo o mercado e dando ânimo e incentivo a novos quadrinistas. Nesse período também ocorreram publicações por meio de leis de incentivo cultural, das quais Ramos (2012, p. 163) destaca o

⁵ Disponível através do link: <<http://www.desalineada.com/liturgia-das-bruxas>>. Acesso em 17 nov. 2016.

⁶ Disponível através do link: <<https://issuu.com/alinecl/docs/v%C3%AAnus>>. Acesso em 17 nov. 2016.

⁷ Disponível através do link: <<http://www.desalineada.com/melindrosa>>. Acesso em 17 nov. 2016.

⁸ Disponível através do link: <<http://www.desalineada.com/>>. Acesso em 17 nov. 2016.

⁹ Disponível através do link: <<https://www.facebook.com/desalineada>>. Acesso em 17 nov. 2016.

¹⁰ Disponível através do link: <<http://desalineada.tumblr.com/>>. Acesso em 17 nov. 2016.

¹¹ Página em que o coletivo posta seu trabalho disponível em:

<<https://www.facebook.com/mandibulaquadrinhos/?fref=ts>>. Acesso em 17 nov. 2016.

¹² Programa público criado em 1997 que compra lotes de obras para serem distribuídas em escolas brasileiras, conforme Ramos (2012, p. 223)

ProAC (Programa de Ação Cultural, ligado ao Estado de São Paulo), que, em 2008, selecionou dez obras em quadrinhos para auxiliar financeiramente na produção e impressão. O programa vem sendo realizado anualmente, porém o número de selecionados varia de acordo com o ano¹³. Outra forma alternativa de publicação, o já mencionado financiamento coletivo, surgiu nesse período e, é importante lembrar, foi decisivo para fomentar a produção de diversos quadrinistas iniciantes ou à margem do mercado.

Esse bom momento para o quadrinho brasileiro também propiciou a vinda para o país de importantes produções estrangeiras, algumas delas inéditas, outras cujo relançamento era muito aguardado. Paulo Ramos (2012, p. 334) aponta que, apesar de certa preferência do mercado por obras norte-americanas, álbuns europeus importantes foram lançados no Brasil, com publicação voltada para as livrarias (em detrimento das bancas de revista). Muitas dessas publicações trazem quadrinhos diferenciados, que fogem dos padrões usuais de histórias de super-heróis que formam a maior parte da produção estadunidense, conhecida como *mainstream*. Autores como Moebius, Milo Manara, Neil Gaiman, Hergé, Guido Crepax e muitos mais foram reeditados ou tiveram publicações trazidas pela primeira vez no país, e seus trabalhos, se não necessariamente alternativos, trazem novidade e frescor em estilo e técnicas para leitores e quadrinistas brasileiros.

Outra questão importante, mas não ligada diretamente aos quadrinhos, é a renovação da discussão sobre feminismo – que encontra na *internet* sua grande forma de divulgação. Como Oliveira e Korte (2014) comentam em matéria de jornal, trata-se de uma geração que cresceu ouvindo que homens e mulheres já tinham direitos iguais para chegar na idade adulta e perceber que a situação não é bem como a pintavam – e, como as autoras comentam, o feminismo que se desenvolve atualmente não é único, mas múltiplo. São diversos feminismos que se apresentam, de acordo com as prioridades e lutas de cada grupo para atingir a igualdade de gênero. Esses grupos encontram nas redes sociais e nas páginas da internet o local propício para debater questões e reunir mulheres com interesses afins. Uma das questões que tende a ser levantada é a da representatividade feminina em diversos âmbitos – ou, no caso, um apagamento das mulheres em detrimento de homens em

¹³ De acordo com os dados publicados na página de projetos contemplados pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, disponíveis no link: <<http://www.editaisproac.sp.gov.br/InscricoesEditaisUFDP/consultas/projetosContemplados>>. Acesso em 17 nov. 2016.

revisonismos históricos. A autora Camila Galetti (2014, p. 2201) acredita que movimentações atuais, como a Marcha das Vadias¹⁴, tem ligações com a segunda onda feminista¹⁵, desenvolvida no início da segunda metade do século XX – que, especialmente, luta por afirmar os direitos da mulher sobre seu próprio corpo, mas também marcou por desenvolver o que se chama de História das Mulheres, uma tentativa de resgate de figuras femininas que foram excluídas da história oficial, apesar de sua relevância para as áreas de conhecimento nas quais se inseriam. De certa forma, ainda estamos fazendo História das Mulheres, ainda precisamos lembrar que é necessário falar das mulheres; iniciativas exclusivamente femininas, como as mencionadas no capítulo anterior no que tocam aos quadrinhos, são exemplos disso. Tais projetos, nessa modalidade, tendem a criar uma rede de mulheres leitoras e produtoras de quadrinhos, que fortalecem e auxiliam a estabelecer um território feminino no meio. Essas discussões, ainda, acabam “contaminando” a criação de quadrinhos, gerando obras – como as de Aline Lemos – que nos elucidam sobre o tema.

Sobre a cidade em que Lemos nasceu e reside, Belo Horizonte, cabem algumas colocações: nela, a cada dois anos, ocorre o FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos – cuja última edição (de número 9) ocorreu em 2015. Como já mencionado no capítulo anterior, é o maior evento do gênero na América Latina¹⁶. O festival é organizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, através da Fundação Municipal de Cultura, e conta também com o auxílio de colaboradores de diversas áreas¹⁷. Sobre o surgimento do FIQ, o depoimento de Afonso Andrade, coordenador de quadrinhos da Fundação Municipal de Cultura, Prefeitura de Belo Horizonte, traz maiores esclarecimentos:

¹⁴ A Marcha das Vadias foi criada no Canadá em 2011 (chamando-se *Slut Walk*) e reuniu mulheres que criticavam a culpabilização da vítima de abuso sexual, afirmando que o modo como estavam vestidas não justificava assédios. Disseminou-se pelo mundo e já ocorreu em pelo menos 30 cidades brasileiras, de acordo com Galetti (2014, p. 2197)

¹⁵ Estudiosos defendem 3 momentos da luta feminista: o primeiro, ainda no século XIX, buscando maior representação política – em especial, o voto feminino; o segundo, nos anos 1960-70, envolviam luta pela valorização do trabalho feminino, o direito ao prazer e ao próprio corpo e o combate à violência sexual; a terceira onda trata daquilo que escapa às anteriores, ou questões envolvendo a micropolítica: grupos que, dentro do movimentos feminista, eram excluídas, como as mulheres negras (Cf. RIBEIRO, 2014). Cabe, ainda, informar que a intenção, dentro desse capítulo, não é adentrar em teorias feministas ou na história do feminismo – embora tais estudos podem abordados ao longo do texto, conforme a necessidade.

¹⁶ De acordo com a página online da Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/evento/2015/11/90-festival-internacional-de-quadrinhos-de-belo-horizonte-fiq>>. Acesso em 07 dez. 2016.

¹⁷ De acordo com a página online do evento. Disponível em: <<http://2015.fiqbh.com.br/faq/>>. Acesso em 26 nov. 2016.

O evento [FIQ] surgiu a partir da Bienal Internacional de Quadrinhos, que teve sua primeira edição, em 1991, no Rio [de Janeiro]. Em 1997, em função do centenário de Belo Horizonte, a terceira edição da Bienal foi trazida a BH. Além disso, um dos produtores do evento, o Roberto Ribeiro, da editora Casa 21, era amigo do então secretário municipal da Prefeitura, o que facilitou o contato. O projeto da Bienal foi abraçado pela prefeitura, que via nele uma oportunidade trazer a cidade um evento de magnitude internacional e promover também a produção de quadrinhos local. Foi nesta bienal que veio o Will Eisner. O evento foi um grande sucesso. No entanto o grupo que organizava a Bienal se desfez. O Roberto apresentou um projeto de continuidade de um evento de quadrinhos em BH, com edições bienais. Foi batizado de FIQ. Sua primeira edição foi em 1999. Foi importante também termos um movimento de produção de quadrinhos na cidade, o que justificava o projeto.¹⁸

É relevante, também, mencionar o NIQ, ou Núcleo de Ilustração e Quadrinhos, criado em 1994 no âmbito da Escola de Design (hoje, parte da Universidade do Estado de Minas Gerais) como intuito de fomentar a publicação e desenvolver um espaço de estudo e pesquisa em quadrinhos, de acordo com Silva (2010, p. 91). O projeto foi de dois então alunos da Escola, que, concomitante ao Núcleo, também desenvolveram a revista *Legenda Quadrinhos* – com edições entre 1995 e 1997 e que foi retomada no ano de 2015 em formato digital¹⁹. A revista publica quadrinhos, ilustrações, entrevistas e artigos (com foco especial nos processos de criação), valorizando a liberdade criativa e a investigação experimental.

Uma última colocação sobre Belo Horizonte concerne uma iniciativa exclusivamente feminina ainda não mencionada²⁰: o coletivo ZiNas, formado em 2014 por seis mulheres que residem na capital mineira. As integrantes são Aline Lemos, Ana Schirmer, Carol Rossetti, Day Lima, Carolita Cunha e Priscapaes que afirmam, em sua página, estarem interessadas em feminismo, quadrinhos e cultura underground em Belo Horizonte²¹. O coletivo já publicou três zines, disponíveis gratuitamente online²²: um sobre sexualidade (intitulado *Tranza*, em 2014), um sobre aborto (2015) e um sobre abuso (ainda em 2015); também participam de eventos e realizam oficinas com foco em produção de fanzines e artes plásticas.

¹⁸ Depoimento dado através de meios eletrônicos, em 06 dez. 2016.

¹⁹ As edições da revista estão disponíveis no link: < <https://legendaniquemg.wordpress.com/ateriores/>>. Acesso em 06 dez. 2016.

²⁰ O site *Lady's Comics*, mencionado no capítulo anterior, também é, de certa forma, originário de Belo Horizonte

²¹ Disponível em: <<http://zinaszineiras.wixsite.com/zinas/sobre>>. Acesso em 6 dez. 2016.

²² Os zines sobre aborto e sexualidade estão disponíveis na página: <<http://zinaszineiras.wixsite.com/zinas/zines>>; o zine sobre abuso está disponível no link: <<https://issuu.com/alinecl/docs/abuso>>. Acesso em 1 dez. 2016.

Em entrevista realizada no mês de novembro²³, a própria Aline Lemos comenta algumas referências que são importantes para o seu trabalho: na infância, lembra de ler *Turma da Mônica* e *Mafalda*; ainda jovem, assinala da leitura de mangás como *Dragon Ball*, *Sakura Card Captors* e *Samurai X*; já na idade adulta, mas antes de iniciar sua produção em quadrinhos, Aline ressalta os ingleses Neil Gaiman e Alan Moore, assim como os brasileiros Ricardo Tokumoto (Ryot), André Dahmer, Fábio Moon e Gabriel Bá; ela ainda aponta como relevantes tanto para o início da sua produção em quadrinhos quanto para o que produz hoje o meio independente no Brasil²⁴.

A Turma da Mônica é uma criação do paulista Mauricio de Souza, autor consagrado no meio e sucesso de vendas – a turma é considerada “sinônimo de publicação infantil” (RAMOS, 2012, p. 59). O primeiro personagem fixo do autor foi o cachorro Bidu, publicado pela primeira vez em 1959, para o jornal Folha da Manhã (Cf. Ramos, 2012, p. 71), mas Mônica, criada posteriormente, acabou conquistando maior notoriedade e se tornou a “líder” da turma. Os “gibis”, ou revistas da Turma da Mônica marcaram a infância de muitos brasileiros, com uma larga gama de personagens e grande capacidade de se reinventar – em 2008, Souza renovou a turma em versão jovem e influência de mangás no desenho; além disso, em comemoração aos 50 anos de carreira do quadrinista, projetos especiais da Mauricio de Souza Produções (ou MSP) foram desenvolvidos e tiveram boa recepção: a abertura para 50 artistas realizarem releituras dos personagens do autor, que, iniciada em 2009, rendeu três edições, além de *graphic novels* desenvolvidas a partir do ano seguinte e feitas por outros autores, como Danilo Beyruth, Shiko, Bianca Pinheiro e Vitor e Lu Cafaggi, que trazem sua visão para os personagens em gêneros variados sob o selo Graphic MSP²⁵.

²³ Realizada por meio eletrônico em novembro de 2016, a entrevista é um dos apêndices deste trabalho.

²⁴ Como o número de nomes citados por Lemos torna complicado tratar detalhadamente de todos, opto por comentar sobre a produção independente em geral, especialmente a partir do que a artista mencionou. A lista completa desses autores pode ser encontrada no Apêndice II, p. 84.

²⁵ A lista completa de publicações da Graphic MSP pode ser consultada na página: <<http://ovicio.com.br/veja-lista-completa-da-colecao-graphic-msp/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

Figura 4



Maurício de Souza Produções
Tira da *Turma da Mônica*, sem data
Fonte: Turma da Mônica/UOL²⁶

Mafalda foi uma personagem criada pelo argentino Quino (pseudônimo de Joaquín Salvador Lavado) em 1962 para uma campanha publicitária, de acordo com Álvaro de Moya (2014). A menina com reflexões políticas dignas de um adulto foi um enorme sucesso, especialmente na América Latina e Europa. Em 1973, o autor optou por acabar com as tiras da personagem, afirmando esgotamento – apesar disso, o conteúdo politicamente crítico de Mafalda permanece atual e ela segue como um ícone, tanto em republicações quanto em inúmeros produtos ilustrados com a figura da personagem.

Figura 5



Joaquín QUINO Salvador Lavado (n. 1932)
Tira da *Mafalda*, sem data
Fonte: Esconderijos do Tempo²⁷

Os mangás mencionados por Lemos são todos publicações do início dos anos 2000: *Dragon Ball* foi trazido para o Brasil pela editora Conrad, e é considerado²⁸ um dos maiores sucessos da editora. O quadrinho foi criado por Akira Toriyama e publicado a partir de 1984

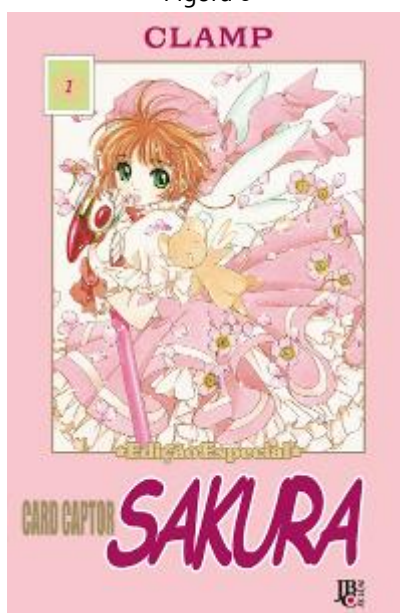
²⁶ Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas/index.php?a=5>>. Acesso em 7 dez. 2016.

²⁷ Disponível em: <<http://esconderijos.com.br/o-mundo-segundo-mafalda/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

²⁸ De acordo com a página: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/editora/conrad/33>>. Acesso em 7 dez. 2016.

em 42 volumes – em terras brasileiras, contudo, a primeira edição só chegou em 2000. *Samurai X* foi trazido para o país em 2001 pela Editora JBC²⁹, com lançamento original no Japão em 1994; o mangá de Nobuhiro Watsuki foi finalizado em 1999, com 28 volumes. *Sakura Card Captors* foi criado pelo grupo CLAMP³⁰ – união de quatro japonesas que iniciaram suas atividades em 1984 no meio alternativo e são, atualmente, muito aclamadas. Publicado originalmente de 1996 a 2000 em 12 volumes, *Sakura* foi trazido ao Brasil pela mesma Editora JBC com primeiro volume lançado em 2001. Todos esses mangás tiveram adaptações bem-sucedidas para animação (ou anime, como é chamado) e foram exibidas em canais abertos brasileiros.

Figura 6



Grupo CLAMP (1984)

Capa brasileira do primeiro volume de Card Captor Sakura, 2012

Fonte: JBC Mangás³¹

Sobre Neil Gaiman e Alan Moore, é importante dizer que: são autores surgidos na década de 1980, com inclinação para a ficção científica e fantasia e que elevaram a figura do roteirista dentro dos quadrinhos *mainstream* – resultando em narrativas mais coesas e, por vezes, com maior foco no diálogo do que nas ações, de acordo com Mazur e Danner (2014, p. 175), trazendo super-heróis com personalidades nuançadas e, muitas vezes, sombrias.

²⁹ De acordo com a página: <<http://www.editorajbc.com.br/2012/08/27/jbc-relancara-samurai-x-no-brasil-com-titulo-original/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

³⁰ De acordo com a página: <<http://mangasjbc.com.br/card-captor-sakura-as-autoras/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

³¹ Disponível em: <<http://mangasjbc.com.br/card-captor-sakura-01/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

Histórias para um público adulto. Gaiman, em quadrinhos, é eminentemente conhecido pela série de fantasia *Sandman* (1989-1996), que totalizou 75 volumes, mas também realizou outros trabalhos, como a criação de um roteiro para a Orquídea Negra (1989); enquanto Moore foi muito aclamado pelo desenvolvimento que deu ao escrever histórias do Monstro do Pântano (metade da década de 1980), ele ficou especialmente conhecido por desenvolver *graphic novels* como *V de Vingança* (1990) e *Watchmen* (1987).

Figura 7



Neil Gaiman [roteiro], Mike Dringenberg e Malcom Jones III [arte]
Excerto de página de *O Som de suas Asas*, 1989
Fonte: Sandman Edição Definitiva, Vol. I, p. 210³²

Lemos destaca entre autores brasileiros que são referências antes do início da sua produção: o carioca André Dahmer é conhecido por sua série de tirinhas intitulada *Malvados*, com críticas ácidas e humorísticas à atualidade; publica nos jornais O Globo e Folha de São Paulo³³. Ricardo Tokumoto é mais conhecido por seu pseudônimo, Ryot; o paulista radicado em Belo Horizonte publica tiras, também voltadas ao humor cotidiano, periodicamente em sua página³⁴ – que em 2017 completa dez anos de existência – além de colaborar esporadicamente para revistas e trabalhar com ilustração.

³² GAIMAN, Neil. *Sandman*: Edição Definitiva. Barueri, SP: Panini Books, 2010.

³³ De acordo com a página: <<http://www.andredahmer.com.br/sobre-o-autor-pg-2ccc4>>. Acesso em 7 dez. 2016.

³⁴ Disponível no link: <<http://ryotiras.com/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

Figura 8



André Dahmer
Tira de *Malvados*, 2016
Fonte: Malvados ³⁵

A autora ainda menciona os gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá, naturais de São Paulo, que adquiriram grande notoriedade no exterior, especialmente no mercado norte-americano. De acordo com Paulo Ramos (2012, p. 319), o envolvimento com quadrinhos dos irmãos começou em 1997 no meio alternativo, vendendo fanzines semanais – série intitulada *10 Pãezinhos*; os contatos com editores americanos vieram através de convenções e eventos, e, com as primeiras publicações, Moon e Bá receberam notoriedade e prêmios. O álbum *Daytripper* (2010), lançado primeiro nos EUA pela editora Vertigo, é um dos trabalhos mais celebrados dos irmãos.

Figura 9



Fábio Moon e Gabriel Bá
Página de *Daytripper*, 2011
Fonte: *Daytripper*, p. 220 ³⁶

³⁵ Disponível em: <<http://www.malvados.com.br/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

³⁶ MOON, Fábio; BÁ, Gabriel. *Daytripper*. Barueri, SP: Panini Books, 2011.

Aline Lemos aponta como estímulo, no início da sua produção, o contato com autores em eventos como o já mencionado FIQ, além da participação em iniciativas femininas, também já comentadas. Essa produção independente brasileira segue sendo importante para a autora e, a partir dos nomes citados por ela, comentarei brevemente através da forma como esses autores são publicados. A internet é um espaço consideravelmente democrático e diversos quadrinistas usam blogs e páginas em redes sociais para divulgar suas produções; há, ainda, algumas plataformas específicas para a leitura de quadrinhos, como a brasileira Social Comics, criada em 2015 – iniciativas que crescem no meio. É necessário apontar que: grande parte desses quadrinistas se utiliza de financiamento coletivo³⁷ para lançar seus trabalhos, como Catharina Baltar, Diego Sanchez, Lita Hayata e LoveLove6; boa parte costuma lançar seus trabalhos de forma independente³⁸, como Ana Khoeler, Pedro Cobiaco e Lu Caffagi. O que não significa, contudo, que não estejam ligados a editoras – muitos selos menores, especializados, são vias de publicar trabalhos de artistas iniciantes ou pouco conhecidos – até mesmo são republicar obras independentes esgotadas.

A Editora Mino³⁹, criada em 2014 e baseada em São Paulo, tem pelo menos três publicações que são relançamentos nessa linha; a maioria de seus títulos é nacional, mas a editora também está publicando alguns nomes de fora. Destaca-se no cenário paulista, também, a editora Lote 42⁴⁰, criada em 2012 e que publica nomes como Alexandra Moraes e Bruno Maron; a Ugra Press⁴¹ é uma editora e loja especializada em publicações independentes – criada em 2010, também organiza desde 2011 a Ugra Zine Fest, evento anual dedicado ao universo dos zines; vale a menção da extinta Editora Narval, sobre a qual comentei no capítulo anterior; por fim, a Feira Plana é um evento anual que, desde 2012, reúne artistas, editores e independentes com um tema – e é considerada a maior feira de publicações da América Latina⁴²

³⁷ O financiamento coletivo foi explicado, mais detalhadamente, no capítulo 1 – por esse motivo, não entraremos em maiores detalhes.

³⁸ A publicação independente, aqui, significa que o autor custeou a impressão e encadernação de sua obra sozinho, sem a ajuda de nenhum selo, editora ou sistema pré-pago (como o financiamento coletivo).

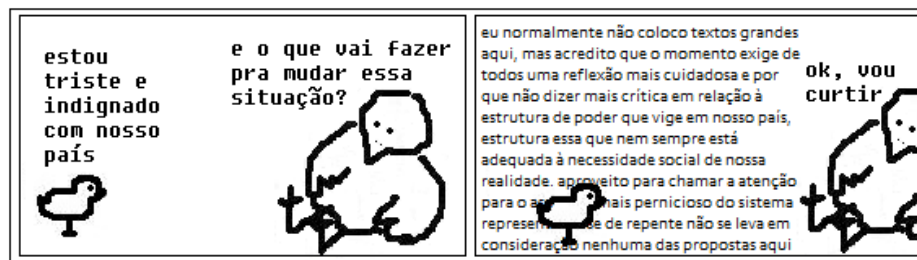
³⁹ Página da editora disponível em: <<https://www.facebook.com/editoramino/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

⁴⁰ Página da editora disponível em: <<http://www.lote42.com.br/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

⁴¹ Página da loja disponível em: <<http://www.ugrapress.com.br/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

⁴² De acordo com a página: <<https://www.catarse.me/plana>>. Acesso em 7 dez. 2016.

Figura 10



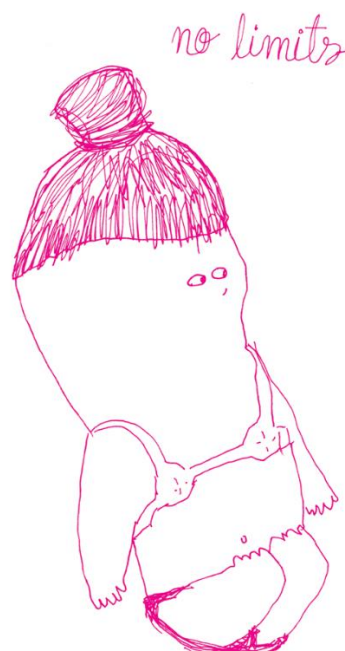
Alexandra Moraes

Tira de *O Pintinho*, 2016

Fonte: *O Pintinho* ⁴³

De Brasília, destaca-se o selo (SAMBA)⁴⁴, criado por Lucas Gehre, Gabriel Góes e Gabriel Mesquita em 2008, com o lançamento da revista de número 1; o selo Piqui⁴⁵, fundado por Taís Koshino e Livia Viganó que atua desde 2011 e tem diversas publicações, todas de autoria feminina; ainda da capital federal, há os integrantes da Mês, mencionados no capítulo anterior. Vale ainda a menção à feira Dente⁴⁶, evento anual voltado a publicações independentes e autorais.

Figura 11



Taís Koshino

no limits, 2016

Fonte: Piqui ⁴⁷

⁴³ Disponível em: <<http://opintinho.com.br/post/144168160810>>. Acesso em 7 dez. 2016.

⁴⁴ Página do selo disponível em: <<http://revistasamba.blogspot.com.br/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

⁴⁵ Página do selo disponível em: <<http://selopiqui.com/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

⁴⁶ Página da feira disponível em: <<http://feiradente.com/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/selopiqui/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

No Rio de Janeiro, podemos mencionar o selo Beleléu⁴⁸ que foi fundado em 2009 e é especializado em quadrinhos – publicou autores como Elcerdo, Rafael Sica, Caio Gomez e Pablo Carranza; a Bolha Editora⁴⁹, lançada em 2011, é uma editora independente especializada em títulos traduzidos para o português; por fim, menciono o Tijuana⁵⁰, parte da Galeria Vermelho criado em 2007 com o intuito de ser um espaço para livros de artista – e que, desde 2009 organiza a Feira Tijuana de Arte Impressa, evento que está em dia 11ª edição e reúne artistas e pequenas editoras.

Porto Alegre possui uma importante iniciativa, a Galeria Hipotética⁵¹ – um espaço expositivo especializado em quadrinhos, criado no início de 2015 por Fabiano Denardin e Iriz Medeiros, que conta também com uma loja e espaço para cursos. Vale mencionar também o projeto Quadrante Sul⁵², fanzine cuja produção iniciou no final dos anos 1980 com três editores: Alexandre Fontoura Doeppe, Denilson Rosa dos Reis e Gervásio Santana de Freitas. As feiras Parada Gráfica⁵³, iniciada em 2013 com edições anuais sediadas no Museu do Trabalho, e Osso – Quadrinhos no Ocidente⁵⁴, feira que conta com 25 edições e uma publicação (a *Revista Esqueleto*), são espaços importantes de convergência para o público e autores.

Nas demais capitais do país, há um número menor de projetos e, por tal motivo, elas não foram mencionadas. O que não quer dizer, contudo, que não exista atividade independente em outros circuitos, muito pelo contrário – ela só está descentralizada.

Como fechamento do contexto, cabe mencionar as duas artistas estrangeiras que Aline Lemos aponta como referências atuais: a iraniana radicada na França Marjane Satrapi é reconhecida internacionalmente por seu quadrinho autobiográfico, *Persépolis* – que traz a visão da autora sobre transição após a Revolução Islâmica no Irã; e Kate Beaton⁵⁵, quadrinista canadense criadora das tiras *Hark! A Vagrant*; seus trabalhos são majoritariamente humorísticos, ocasionalmente brincando com figuras históricas ou literárias.

⁴⁸ Página do selo disponível em: <<http://www.revistabeleu.com.br/>> Acesso em 7 dez. 2016.

⁴⁹ Página da editora disponível em: <<https://www.facebook.com/abolhaeditora1/>> Acesso em 7 dez. 2016.

⁵⁰ Página do espaço disponível em: <<http://cargocollective.com/tijuana>> Acesso em 7 dez. 2016.

⁵¹ Página da galeria disponível em: <<https://hipotetica.com.br/>> Acesso em 7 dez. 2016.

⁵² Página do projeto disponível em: <<http://quadrantesul.blogspot.com.br/>> Acesso em 7 dez. 2016.

⁵³ Página da feira disponível em: <<https://www.facebook.com/aparadagrafica/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

⁵⁴ Página da feira disponível em: <<https://www.facebook.com/ossoquadrinhos/>>. Acesso em 7 dez. 2016.

⁵⁵ Página da autora disponível em: <<http://www.harkavagrant.com/index.php>> Acesso em 7 dez. 2016.

Apesar da variada gama contextual que envolve o trabalho de Aline Lemos, é possível perceber a predominância do meio alternativo como sua referência – a própria Aline publicou, até o momento, apenas de forma independente. É uma forma de possuir maior liberdade criativa, mas também impõe limitações financeiras. Com a internet, contudo, a divulgação dessa produção se tornou acessível, embora necessária alguma mediação para se chegar aos leitores devido ao número gigantesco de publicações online, a participação de Lemos atividade em projetos coletivos, como os já mencionados Zine XXX, Mandíbula, Revista Inverna e ZiNas, cria algumas dessas necessárias pontes e, mesmo que atue de forma independente, possibilita a ela a manutenção dessas relações com leitores, que ajudam a manter quadrinistas ativos.

CAPÍTULO 3 – ALINE LEMOS E A REPRESENTAÇÃO FEMININA

Dentre as autoras da Revista Inverna, assim como tantas outras quadrinistas atuando no Brasil atualmente, a escolha por um recorte focado em Aline Lemos não foi arbitrária. Como já comentado, essas mulheres trazem para seus trabalhos uma miríade de questões e, apesar de várias dessas autoras tratarem de *mulheres*, a maioria escolhe não se aprofundar em pontos militantes do feminismo. Mesmo abordando uma série de temas diferentes, Lemos acaba, na maior parte das vezes, trazendo e explorando tais discussões. Como forma de apresentar a produção de Lemos, realizei uma análise dos trabalhos em quadrinhos que ela publicou em seu Tumblr a partir de agosto de 2013, separando-os por temática (entre aqueles que envolvem gênero e feminismo, e os que focam em outros temas, como situações cotidianas, romance, metalinguagem, política e saúde mental). Além destes, há as publicações impressas, como zines próprios e coletivos. Entre os três zines próprios, dois possuem conotações feministas (*Melindrosa* e *Liturgia das Bruxas*) enquanto *Vênus* aborda outras questões, apesar do ponto de vista feminino. Entre as histórias desenvolvidas para publicações coletivas, cinco apresentam questões de gênero e sexualidade (*Revista Inverna*, *Revista Risca!* E os três zines das *ZiNas*) e outras duas apresentam outros temas (*100 Têtes* e *Antologia Mês 2015*). Quanto aos quadrinhos postados em seu Tumblr, as questões de gênero se apresentam em 38 das histórias (sendo 26 destas da série *Mulheres na Arte*), enquanto 56 tratam de questões diversificadas. É importante mencionar, contudo, que apesar dessas 56 histórias não tratarem de forma aprofundada em feminismo e gênero, as mulheres são presenças constantes, e questões de sexualidade tangenciam com frequência esses quadrinhos, assim como preconceitos a minorias. Assinalo ainda que, apesar de analisados trabalhos realizados no decorrer de três anos, a produção de Lemos se mantém consistente quanto a sua forma de representar personagens femininas – se seu modo de representar sofisticou-se com o passar do tempo, o feminismo ainda pode ser apontado como uma constante, assim como a representação de mulheres diversificadas.

Em entrevista, a autora (Cf. Lemos, 2016, p. 89) comenta sobre a importância do feminismo como catalizador da sua produção em quadrinhos, como algo que lhe deu confiança para se expressar – além de que esse período, quando Aline começa a produzir,

coincide com o início suas pesquisas mais aprofundadas no feminismo, e a discussão desses temas em seus trabalhos seria, para ela, uma consequência natural.

O feminismo, contudo, não é um fenômeno fechado, e a palavra não possui um único significado – trata-se, afinal de contas, de movimentações que surgiram há mais de um século e, dependendo do período em que estudamos, tais forças lutaram por questões diferentes. Não é o objetivo desse trabalho se aprofundar na história do movimento, pois outras autoras já o fizeram com maior sucesso, mas é importante trazer a visão de Lemos quando se fala de feminismo, pois é a partir desse ponto de vista que as questões desse capítulo serão desenvolvidas. Na entrevista, a quadrista aponta:

Entendo o feminismo como formas de conhecimento, ferramentas de ação política contra a desigualdade econômica, social, política e cultural entre os gêneros. Acredito que para ser eficaz nisso, ele precisa levar em consideração o contexto social e as várias formas de opressão existentes, como o racismo e a desigualdade social. Por isso me identifico com uma linha interseccional... (LEMOS, 2016, p. 86)

O feminismo é busca pela igualdade social entre homens e mulheres, mas a linha interseccional¹ aponta que desigualdade de gênero não está isolada de outras formas de opressão – ou, como Judith Butler explica,

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003. p. 20)

Ou, como Butler aponta, a mulher não é apenas uma mulher – ela pode dispor de privilégios ou opressões além de gênero; uma mulher branca e de classe média é considerada privilegiada em relação a uma mulher negra da periferia², e é necessário que o feminismo, muitas vezes focado unicamente em pautas dessa camada privilegiada, também lute pelas

¹ De acordo com Ava Vidal (2014), a interseccionalidade já era um conceito que circulava em discussões feministas, mas o termo foi cunhado pela norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989.

² Como Ribeiro (2015) comenta, uma mulher branca pode ser opressora também em relação a um homem negro; não é que o machismo não esteja mais presente, mas são diferentes privilégios postos em perspectiva: o homem negro pode oprimir a mulher branca, do ponto de vista do gênero, mas a mulher branca pode também discriminar de forma racista um homem negro – o feminismo interseccional levanta tais questões.

questões de subgrupos oprimidos. Para o feminismo interseccional, é importante perceber que a opressão não é igual sobre as mulheres.

Como tais questões nem sempre estão claras para todas as pessoas e, muitas vezes, os textos acadêmicos possuem certa impenetrabilidade para a população em geral, é importante falar de outras maneiras de tratar de preconceitos de forma didática e almejando desenvolver, em grupos privilegiados, a consciência de sua opressão para, então, lutarem contra ela. A arte e literatura são ferramentas com grande capacidade de despertar empatia, e quadrinhos podem ser poderosos meios de fala para grupos oprimidos que almejam ter suas vozes ouvidas e, portanto, tentar tornar a sociedade mais igualitária.

Quando Aline Lemos representa mulheres em seus quadrinhos, ela possibilita que pontos de vista femininos sejam difundidos, e dá voz a inquietações e questões importantes para o gênero; quando um autor retrata uma mulher, ele dificilmente vai se debruçar sobre os mesmos assuntos; a personagem costuma ficar engessada a certos tipos e papéis, que não possuem propósito em si mas, sim, existem para a construção de um personagem masculino. Ou ainda: são meras idealizações, figuras cujo único propósito é agradar visualmente os leitores. Tais representações são muito comuns, tanto na arte como nos quadrinhos.

Para falar de representações femininas nas artes visuais, é preciso lembrar que, por muito tempo, mulheres foram encorajadas a aprender a desenhar e pintar – mas não como profissão, e sim para desenvolver talentos privados que poderiam lhes diferenciar como futuras esposas, com a capacidade de entreter; como Perrot (2008, p. 101) aponta, o acesso a academias de arte era barrado para mulheres³, pois o estudo de nus seria moralmente impróprio aos olhos femininos. Parker e Pollock (2013, p. 115) assinalam que, do Renascimento até a metade do século XIX, o gênero artístico com maior prestígio era a pintura histórica – e, para a execução dessas obras, era necessário extenso conhecimento do corpo humano; sendo privadas das aulas de modelo vivo nu, as mulheres nunca eram capacitadas artisticamente a ponto de poderem competir com homens artistas. A partir do final do século XVIII, as mulheres passaram a se tornar objeto da pintura de nus – que, até então, era focada na figura masculina; mas mesmo que o foco esteja na figura feminina, como apontam Parker e Pollock:

³ A possibilidade de acesso feminino à Escola Nacional de Belas Artes no Brasil foi possível a partir de 1892, de acordo com Simioni (2007, p. 95); na prestigiada Escola de Belas Arte de Paris, as mulheres só puderam entrar a partir de 1900, sob protestos masculinos, conforme Perrot (2008, p. 101).

A mulher está presente como uma imagem, mas com a conotação específica do corpo e da natureza, que é passiva, disponível, possessível, impotente. O homem está ausente da imagem, mas é seu discurso, sua visão, sua posição de domínio que as imagens significam. (PARKER; POLLOCK, 2013, p. 116)

Como exemplo dessas questões, é possível mencionar dois artistas do século XIX que pintaram no feminino, porém através de diferentes representações: Alexandre Cabanel (1823-1889) e Gustave Courbet (1819-1877).

Alexandre Cabanel foi um pintor de grande sucesso em sua época, e um de seus quadros, *O Nascimento de Vênus* (1863), teve enorme repercussão positiva no Salão em que foi exposta – a ponto de ter sido adquirida pelo próprio Napoleão III (1808-1873)⁴. Representante do que hoje é conhecido como Pintura Pompier, ou seja, a arte acadêmica “oficial”, aceita e louvada pelo sistema da época.

Figura 12



Alexandre Cabanel (1823–1889)
O nascimento de Vênus, 1861
Óleo sobre tela, 130 cm x 225 cm
Musée d'Orsay, Paris
Fonte: Web Gallery of Art⁵

Já Gustave Courbet é a figura que deu nome ao realismo (Cf. Gombrich, 2012). Para Coli (2010), Courbet é uma das figuras que introduz o afastamento da arte dos valores externos (como os políticos), permitindo a sua independência e marginalização. O artista não vê a arte como vazão do imaginário, mas como uma forma de expor sua própria visão da realidade do mundo, até mesmo daquilo considerado insignificante.

⁴ Conforme a página: The Birth of Venus, Musée d'Orsay. Disponível em <http://www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/painting/commentaire_id/the-birth-of-venus-7137.html?cHash=2d4e4c9917>. Acesso em 10 nov. 2014.

⁵ Disponível em: <<http://www.wga.hu/index1.html>>. Acesso em 9 dez. 2016.

Figura 13



Gustave Courbet (1819-1877)
Mulher com meias brancas, 1863
Óleo sobre tela, 65 cm x 84 cm
The Barnes Foundation, Merion
Fonte: Web Gallery of Art⁶

As obras dos dois artistas se opõem porque, se pensarmos no motivo da nudez da Vênus de Cabanel, este é de fácil resposta: está nua porque recém nasceu – há a expressão “como veio ao mundo” que é sinônimo de estar desvestido. A mulher de Courbet, contudo – não há explicação *aceitável* para a sua nudez. Suas meias, que ela coloca ou tira, são uma sugestão: por que essa mulher está se (des)vestindo? Como explicar a mulher nua em uma *pintura*? Ela não possui a desculpa de ser uma deusa pagã ou ninfa, cuja nudez, como aponta Sorabella, era aceitável dentro da sociedade da época. Apesar da água próxima, que seria um motivo para desvestir-se, ainda assim trata-se de uma mulher (real) indo se banhar. O que a nudez dessa mulher sugere era algo com o qual o decoro burguês não lidava muito bem – o fato de ela ser, pura e simplesmente, uma *mulher*, que vivia, respirava e circulava na mesma França que os espectadores da pintura.

Para Clark (2004) há um óbvio apelo erótico em pinturas de Vênus e outras deusas nuas (até porque, qual seria então a finalidade de retrata-las nuas?), porém a idealização dessa beleza as afasta de mulheres reais, que despertam desejo real – e por tal motivo, elas seriam permitidas para exposição em Salões. A mudança nesse paradigma pode ser assinalada a partir de *Olympia* (1865), de Édouard Manet (1832-1883), que causou enorme

⁶ Disponível em: < <http://www.wga.hu/index1.html> >. Acesso em 9 dez. 2016.

furor quando exposta (Cf. Clark, 2004) por ser uma mulher nua, nem um pouco recatada, possivelmente uma prostituta e em uma posição referencial a pinturas de Vênus.

O problema é que, mesmo que Courbet represente as mulheres de forma visualmente mais realista, essa representação é tomada pela sua concepção particular do feminino⁷. Para Coli (2010), as mulheres fascinam Courbet, mas são completamente incompreensíveis aos homens, “desprovidas de ação ou racionalidade” (COLI, 2010, p. 181); o homem não consegue adentrar o mundo feminino, sob a visão do artista – cabe a ele apenas observar. Se há erotismo no quadro de Courbet, mesmo que envolva figuras femininas, ele é exclusivamente destinado aos olhos masculinos. A mulher não pode nem faz – ela é pura visualidade.

Tais formas de idealização são, mesmo que em diferentes medidas, afastamentos de um retrato fiel da mulher – pinturas que não são feitas para retratar, mas para gerar prazer visual no observador. Para Tamar Garb (FRANSCINA et al, 1998), porém, o prazer despertado por tais mulheres (idealizadas ou não, deusas ou reais) é para fruição exclusiva de homens. A mulher não possui o direito de se ver. Nesse sistema, o papel feminino é de objeto sexual masculino.

Essa conformação que restringe às mulheres o papel de “musas” foi se modificando, lentamente, com a entrada das mulheres para o sistema da arte; mas, em quadrinhos, as mulheres ainda são constantemente objetificadas. Em quadrinhos de super-heróis, como aponta Gladys Knight (2010, p. 30), as heroínas eram constantemente subordinadas aos heróis masculinos, e eram consideravelmente menos populares; apesar de gerarem certa identificação para meninas, foram criadas com o propósito de ser objeto de desejo dos meninos. Até hoje, é comum que suas roupas sejam, normalmente, mínimas e/ou coladas (e aparentemente desconfortáveis, aponta Lola Aronovich [2011]), que elas sejam representadas em posições hipersexualizadas (almejando mostrar seus “atributos” da forma mais destacada possível, algo que não é feito com personagens masculinos)⁸ e que elas

⁷ Apesar de a representação feminina diferir para Cabanel e Courbet, ambos utilizavam, como modelo para pinturas de nus, fotografias pornográficas similares que circulavam em Paris no período, como Daniela Kern (2010) aponta em um texto online intitulado *Alexandre Cabanel, uma força subterrânea*.

⁸ Tais questões, contudo, não têm passado impunes. Em recente polêmica, o quadrinista Frank Cho – que defende a “necessidade” de retratar mulheres em posições objetificadas e altamente sexualizadas – postou em uma rede social que havia sido presenteado, após um painel que ele apresentou sobre **Arte e Mulher** em uma convenção, por Milo Manara (quadrinista erótico italiano) com um desenho que colocava a personagem Mulher-Aranha em posição altamente erotizada – que mostrava, através do uniforme, seus lábios vaginais e ânus, como

tenham grandes chances de sofrer algum tipo de violência para dar novos rumos à história de algum personagem masculino, como comenta Rebeca Puig (2014).

Algumas personagens até desafiavam o padrão usual de submissas – como a Mulher-Gato, antagonista do Batman, super-herói da DC Comics, criada por Bob Kane e Bill Finger em 1940; ou a ousada fotógrafa Valentina, de Guido Crepax, criada em 1965; apesar de se colocarem em papéis ativos, essas personagens ainda estão presas aos autores que as criaram – elas são

idealizadas por homens e para homens, segundo o que eles vêem e entendem do sexo feminino, e provavelmente atuaram como veículos da expressão sexual de seus autores e do desejo de exibir o considerado imoral e proibido. (SIQUEIRA; VIEIRA, 2008, p. 189)

Nesse ponto, percebemos que as mulheres representadas em quadrinhos no decorrer do século XX acabam tendo pouca diferença para aquelas imaginadas por pintores do século XIX – são objetos, nunca protagonistas e, por decorrência, jamais autoras. Tais questões de representação e autoria foram levantadas, especialmente, pelos cartazes do coletivo Guerrilla Girls – grupo criado na década de 1980 e que denuncia especialmente discriminação de gênero e racial dentro do sistema das artes. Em obras como *Do Women Have To Be Naked To Get Into the Met. Museum?*⁹ (1989), o coletivo traz dados que apontam a expressiva diferença nos números entre mulheres atuando e expondo como artistas em relação aos homens e como isso precisa mudar para que o sistema se torne mais igualitário. Os dados que as artistas trazem em cartazes não são tão diferentes do levantamento realizado no primeiro capítulo deste trabalho, apontando em números a desigualdade de gênero nos quadrinhos brasileiros – ainda há a necessidade de levantamentos como estes, e já se passaram mais de trinta anos desde os primeiros trabalhos do coletivo feminista.

se essa representação fosse extremamente inovadora. Rebeca Puig (2016) aponta uma questão importante: não seria muito mais inovador e subversivo mostrar uma mulher como ela é, um ser humano complexo – ao invés de uma figura objetificada, como as mulheres vêm sendo representadas há pelo menos um século?

⁹ Em tradução livre: *As mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museum?*

Figura 14



Guerrilla Girls

Do women have to be naked to get into the Met. Museum?, 1989

Serigrafia sobre papel, 280 cm x 710 cm

Tate Modern, Londres

Fonte: Tate Modern¹⁰

Um dos trabalhos desenvolvidos por Aline Lemos é uma série de páginas em quadrinhos contando pequenas biografias de mulheres artistas brasileiras que, em sua maioria, são desconhecidas do público. Nesse projeto, em que a quadrinista já retratou nomes como Julieta de França, Nair de Teffé, Georgina de Albuquerque, Tarsila do Amaral e Madalena Reinbolt, Lemos aborda os fatos e, por vezes, desenvolve pequenas anedotas romanceadas da vida dessas artistas. De acordo com a autora, em entrevista:

Minha intenção não é sugerir novos nomes excepcionais para endeusá-los e ofuscar todo o resto, mas discutir o processo histórico de invisibilização da produção de mulheres. [...] Quero que essas histórias possibilitem olhar para as mulheres artistas como sujeitos em seus contextos, que nos permitam ter acesso a narrativas e pontos de vistas que não predominaram durante a história. (2016, p. 87)

Muitas dessas artistas foram pioneiras – Julieta de França foi uma das primeiras mulheres alunas da Escola Nacional de Belas Artes, e Nair de Teffé é considerada a primeira cartunista do país; apesar de sua importância, sua participação na história da arte brasileira raramente é lembrada.

¹⁰ Disponível em: < <http://www.tate.org.uk/art/artworks/guerrilla-girls-do-women-have-to-be-naked-to-get-into-the-met-museum-p78793>>. Acesso em 9 dez. 2016.

Figura 15



Aline Lemos

Nair de Tefé e Chiquinha Gonzaga, 2016

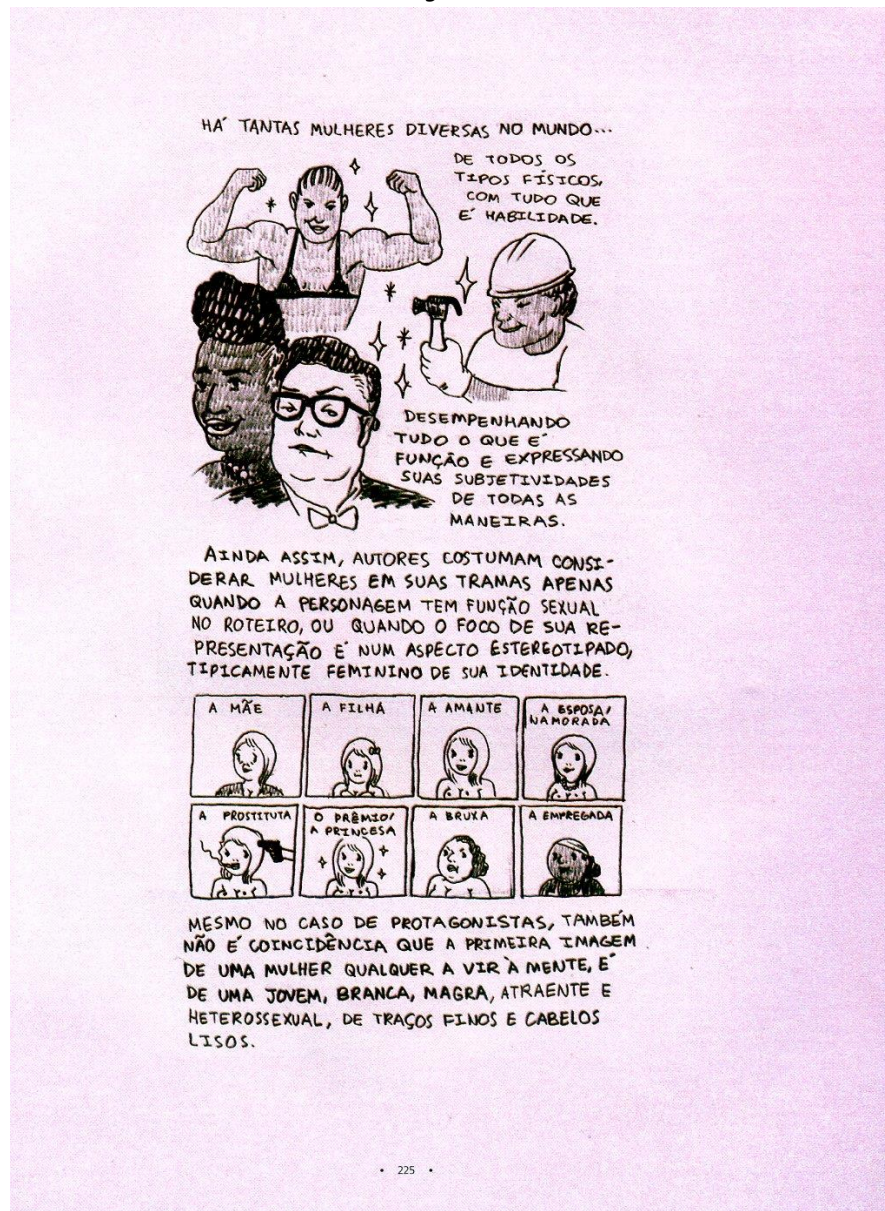
Fonte: Desalineada¹¹

Ao trazer as histórias de artistas esquecidas para um espaço novo (os quadrinhos), que possibilita a propagação dessas histórias para um público diferente, Aline Lemos também escreve História das Mulheres, de certa forma. Ela possibilita a lembrança, ela as inscreve em um relato – como Michelle Perrot aponta,

a história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas também é o *relato* que se faz de tudo isso. [...] As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. (PERROT, 2008, p. 16)

¹¹ Disponível em: <<http://desalineada.tumblr.com/post/147607014422/19-nair-de-tef%C3%A9-e-chiquinha-gonzaga-altas>>. Acesso em 9 dez. 2016.

Figura 16



Gabriela LOVELOVE6 Masson

Página de *A sub-representação feminina no imaginário dos autores*, 2015

Fonte: Ler BD¹²

Mulheres confinadas ao silêncio são mulheres passivas, mulheres objeto, mulheres apenas representadas. Como é possível perceber, tanto pelas iniciativas exclusivamente femininas mencionadas, ou pelo viés crítico com que leitoras e autoras estão observando as representações femininas em quadrinhos, as mulheres estão tomando, em suas próprias mãos, o trabalho de escrever a própria história e dela se tornar protagonista. Como já

¹² Disponível em: <<http://lerbd.blogspot.com.br/2016/07/o-fabuloso-quadrinho-brasileiro-de-2015.html>>. Acesso em 9 dez. 2016.

comentei, as histórias presentes na Revista Inverna são representativas dessa tomada de posição, que apresenta personagens principais muito diversificadas – todas mulheres, cada uma diferente de si. Há, inclusive, uma história em quadrinhos de LoveLove6 (pseudônimo da brasileira Gabriela Masson) que trata da representação feminina e como ela tende a ser pouco variada.

Figura 17



Gabriela LOVELOVE6 Masson

Garota Siririca #3, 2013

Fonte: (SAMBA)¹³

Além das personagens possuírem características estereotipadas, elas tendem a ter unicamente a função de objeto romântico de personagens femininos. A própria LoveLove6 possui uma série de histórias em quadrinhos que busca quebrar com esse círculo: a *Garota Siririca*. Criada em 2013, a série trata das histórias de uma garota viciada em masturbação; a Garota possui vários brinquedos eróticos e assiste muita pornografia, preferindo ficar sozinha

¹³ Disponível em: <<http://revistasamba.blogspot.com.br/2013/08/garota-siririca-3.html>>. Acesso em 9 dez. 2016.

do que ter relações sexuais com outras pessoas. Ela tem duas amigas, a Xoxola e a Xena (que, eventualmente, tornam-se um casal lésbico); não há nenhuma representação masculina no presente do quadrinho – visualmente, ou os personagens se parecem com pessoas e são parte do passado, através de memórias, ou, se são homens que fazem parte do presente da Garota Siririca, são ursos antropomorfizados.

Figura 18



Gabriela LOVELOVE6 Masson

Garota Siririca #40, 2014

Fonte: (SAMBA)¹⁴

De acordo com a própria LoveLove6 (2015, p. 3), a personagem surgiu a partir de seu processo de descobrimento e intimidade com o próprio corpo, entrando em contato com sua sexualidade e descobrindo o prazer. Para ela, aprender a se masturbar foi essencial para sua emancipação sexual. A teórica feminista Catherine MacKinnon aponta que a sexualidade é para o feminismo "aquilo que é mais próprio de alguém, porém, aquilo que mais lhe é

¹⁴ Disponível em: <<http://revistasamba.blogspot.com.br/2014/04/garota-siririca-40.html>>. Acesso em 9 dez. 2016.

retirado” (2016, p. 801) – ou seja, a mulher é constantemente desconectada de sua sexualidade pois “o corpo da mulher sempre foi sexualizado a partir do que o homem considerava atraente ou desejável” (OCAÑA, 2015, p. 24). Reencontrar esse contato físico consigo mesmo é, também, uma forma de subversão, assim como uma atitude carregada de poder.

Para MacKinnon (2016, p. 819), se Simone de Beauvoir afirma que *não se nasce mulher, torna-se*, como se estrutura esse processo que ensina a ser mulher? Melhor ainda, *quem* define o que é ser mulher?

O que define a mulher como tal é o que excita os homens. Meninas boas são “atraentes”, meninas más são “provocativas”. A socialização de gênero é o processo por meio do qual mulheres passam a identificar a si próprias como seres sexuais, como seres que existem para homens. É o processo por meio do qual as mulheres internalizam (tornam delas mesmas) uma imagem masculina da sua sexualidade como sua identidade como mulheres. (MACKINNON, 2016, p. 821)

Ou seja: a sexualidade da mulher, que é uma forma de poder, está nas mãos dos homens. Se uma mulher consegue se libertar da necessidade de construir sua sexualidade a partir dos estereótipos estabelecidos, ela toma esse poder para si e se torna *perigosa*. Ela é uma mulher que não precisa do homem para ser dona da sua sexualidade – ela deixa de ser o objeto para se tornar sujeito¹⁵. Para MacKinnon, “as lésbicas violam de tal maneira a sexualidade implícita nos estereótipos do gênero feminino que não são, em absoluto, consideradas mulheres” (2016, p. 820).

Histórias em quadrinhos como a *Garota Siririca* são formas de incentivar essa tomada de poder, importante para o fortalecimento do feminino. O zine *Melindrosa*, de Aline Lemos, é também um conto que segue caminho similar; é uma história de 12 páginas ambientada nos anos 1920 com toques fantásticos sobre uma personagem que, chegando a uma grande cidade, é marginalizada. Essa personagem encontra carinho em uma outra mulher – mas o relacionamento não é bem aceito, e ela segue à margem, envolvendo-se com outros excluídos. Acaba indo “presa”, onde encontra a mulher e, juntas, elas executam um bem-sucedido plano de fuga, envolvendo um “robô” desenvolvido a partir de um brinquedo erótico da personagem principal e fios com os quais teciam na prisão.

¹⁵ Referente à frase: “o homem fode a mulher; sujeito verbo objeto” (MACKINNON, 2016, p. 834).

Figura 19



Aline Lemos

Página #2 de *Melindrosa*, 2014

Fonte: Desalineada¹⁶

É importante assinalar que *Melindrosa* não possui falas, e pouco se utiliza de quadros no sentido convencional destes – muitas vezes são os elementos do que está “dentro” do quadro que dita o seu tamanho ou formato, ou elementos do próprio desenho se encarregam que fazer a divisão. A influência do Art Deco¹⁷ é bem importante para a configuração formal do quadrinho – algumas das páginas parecem ser copiadas de algum elemento arquitetônico do período. A autora usa apenas preto e vermelho ao construir as imagens, sempre as cores chapadas; apenas um momento da narrativa traz um fundo feito com reproduções de jornais,

¹⁶ Disponível em: <<http://desalineada.tumblr.com/post/99654771002/melindrosa-2>>. Acesso em 9 dez. 2016.

¹⁷ O Art Deco é um termo que designa um estilo muito difundido na década de 1920; possui certa conotação nacionalista, característica comum na movimentação do Retorno à Ordem, ligada à arte do entre-guerras na Europa; é um estilo eclético, que revitaliza a linguagem decorativa em prol de uma visualidade moderna. (Cf. Victoria and Albert Museum. Disponível em: <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/art-deco-design-influences/>>. Acesso em 12 dez. 2016.)

o único momento que a autora foge das linhas simples, claras e sem sombreamento ou de massas de cor.

Figura 20



Aline Lemos
Página #8 de *Melindrosa*, 2015
Fonte: Desalineada¹⁸

Destaca-se algumas opções da artista que remetem a questões importantes já comentadas: a personagem principal é, apesar de sua aparência feminina, alguém que não se encaixa na sociedade desenvolvida por Lemos; já nas primeiras páginas, percebemos situações abusivas por parte de figuras masculinas – uma delas expulsa a personagem de sua casa por encontra-la utilizando seu brinquedo erótico (algo similar a um consolo), enquanto os policiais, no decorrer do quadrinho, são especialmente violentos com os personagens marginalizados. A personagem é salva de um confronto policial pela mulher, que se veste com um traje tipicamente masculino (calça, paletó, camisa e gravata) e possui cabelos bem curtos, apesar de seus seios estarem aparentes. Enquanto as duas estão no meio de um ato

¹⁸ Disponível em: <<http://desalineada.tumblr.com/post/115148428622/melindrosa-8>>. Acesso em 9 dez. 2016.

sexual, chega o que parece ser o marido da mulher – e eles acabam envolvidos em um o confronto físico. A presença da mulher na “prisão” indica que seu marido possivelmente a mandou para lá; a atividade dos presentes no cárcere é tricotar, produção ligada às artes manuais femininas. Essa produção, contudo, é exatamente o que auxilia na fuga das personagens, assim como brinquedo erótico da personagem. Podemos relacionar o ato de tricotar com algo imposto ao feminino mas que, se subvertido, pode trabalhar a favor da mulher, enquanto o brinquedo faz parte da descoberta sexual da personagem – a tomada da própria sexualidade poderia estar representada pelo brinquedo sexual que se desenvolve em um aparelho ajuda a personagem se tornar livre.

Figura 21



Aline Lemos

Página #9 de *Melindrosa*, 2015

Fonte: Desalineada¹⁹

Tanto a personagem quanto a mulher podem ser consideradas perigosas para a sociedade por estarem em contato com sua sexualidade e, mais ainda, estarem envolvidas

¹⁹ Disponível em: < <http://desalineada.tumblr.com/post/124009793617/melindrosa-g>>. Acesso em 9 dez. 2016.

entre si e não com os homens. A década de 1920 é marcada por algumas questões ligadas a pequenas liberdades femininas, como a possibilidade de cortar os cabelos bem curtos, usar calças e deixar o espartilho de lado, como aponta Perrot (2008, p. 60). A figura que marcou a década é conhecida como melindrosa, ou “flapper”, uma mulher jovem que, para Spivack (2013), representa essa modernidade e suas novas possibilidades – como fumar, dirigir automóveis, frequentar a universidade ou se dedicar à criação artística (aponta Perrot, 2008, p. 61).

Figura 22



J. Carlos (1884-1950)

Capa da Revista *Fon-Fon* Ano XXIX #9, 1935

Fonte: Biblioteca Nacional Digital²⁰

Para Aline (Cf. Lemos, 2016, p. 89), essa figura sedutora, popularizada pelas caricaturas de J. Carlos, é apresentada como um símbolo e, como quadrinista, Lemos optou por tentar dar vida a essa personagem, ao invés de reforçar seu papel como representação da modernidade. Vale apontar a importância dessa tentativa, por parte da autora, de humanizar um símbolo – partir de uma imagem estereotipada e imprimir nela algo além de mera imagem que remete a outra época. Aline não se limitou a criar uma personalidade, ela também desenvolveu personagens com fraquezas, problemas e relacionamentos complicados, que encontram forças para buscar a mudança – como pessoas. Tão reais que são representadas com pelos nas pernas, axilas e pubianos.

²⁰ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&PagFis=1>>. Acesso em 9 dez. 2016.

Figura 23



Aline Lemos

Página #4 de *Melindrosa*, 2014

Fonte: Desalineada²¹

O desenvolvimento do quadrinho se deu, de acordo com a autora (2016, p. 88), no período em que ela estudava Berilo Neves e Ercília Nogueira Cobra. A oposição entre o jornalista, que escrevia humor e ficção científica, e a escritora, que trata da situação feminina na década de 1920 foram especialmente catalizadores para *Melindrosa*. Além de Ercília ter atacado com ferocidade a instituição do casamento, ela escreveu uma história de ficção científica sobre a luta de uma jovem expulsa de casa para sobreviver no mundo moderno que, para Lemos, é a grande inspiração do zine.

É possível compreender melhor a produção do quadrinho, através da afirmação de Aline (2016, p. 88), ao apontar que "foi um certo sacrilégio historiográfico, pois na *Melindrosa* não estou interessada em compreender esse passado em sua especificidade, mas trazê-lo para o presente". Não apenas esse zine foi uma experiência para a autora, uma forma de

²¹ Disponível em: <<http://desalineada.tumblr.com/post/100792182527/melindrosa-4>>. Acesso em 9 dez. 2016.

explorar temas e uma visualidade diferente, mas também é uma história que trata de descobertas, de experimentação e de encontrar seu lugar no mundo. Essa possibilidade de levantar questões atuais através dos olhos de outra época se apresenta também na outra série da autora, sobre mulheres na arte – para Lemos,

a parte que mais me importa é a representatividade. A minha intenção é que através de uma representatividade mais diversa e complexa, leitoras possam se inspirar e fortalecer em suas vidas, hoje. Pensando bem, é isso o que esse trabalho significa para mim (2016, p. 87).

Ao tratar da importância da representatividade, a autora lembra os motivos pelos quais um trabalho como esse ainda precisa ser escrito – pois as mulheres não são suficientemente representadas, e muitas vezes são retratadas como objetos. Se o papel feminino na ficção é esse, qual será o papel da mulher numa sociedade que permite essas representações? Vê-se como o feminismo ainda é necessário e, se o método feminista, para MacKinnon é a conscientização, e esta acontece através da “reconstrução coletiva e crítica do significado da experiência social das mulheres, como as mulheres a vivem” (2016, p. 837), é preciso que a ação de conscientizar seja diária e será bem-vinda nos mais variados meios – especialmente em histórias em quadrinhos!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro item que desejo assinalar é que ainda há um longo caminho a ser percorrido no sistema de quadrinhos para que ele esteja mais aberto e igualitário, como é possível perceber nos dados levantados no Capítulo 1 – o predomínio é masculino na maior parte das esferas. Para que essa situação mude, também os homens nesse sistema precisam estar cientes que essa desigualdade é nociva, e, sem eles, não é possível quebrar com o esquema de *broderagem*¹, que beneficia unicamente aos homens.

Por esse motivo, as iniciativas exclusivamente femininas, apesar de segregadoras, são muito importantes para a divulgação do trabalho de mulheres e, por ora, são necessárias. As mulheres devem continuar apoiando umas às outras como uma forma de adquirir força no meio. É necessário estimular a continuidade de tais iniciativas, para que estas sigam fomentando produções inovadoras e também para que mulheres possam se estabelecer no meio.

Um ponto que ficou muito claro é a relevância do meio alternativo, e de como ele se tornou o grande espaço dessas mulheres; é onde florescem algumas das mais interessantes iniciativas, através das quais as autoras podem criar de forma mais livre. É também uma rede de produtores e leitores considerável, que acaba por incentivar novos autores – como a própria Aline Lemos.

A representação feminina, através de autoras como Aline Lemos, LoveLove6, Carol Rossetti, Rebeca Prado, Sirlanney, Fefê Torquato, Bianca Pinheiro, Aline Daka, Laura Athayde, Taís Koshino e Samanta Flôor, tem se desenvolvido para mostrar como a gama de mulheres é variada: não somos apenas um objeto de interesse sexual cujo corpo apresenta-se estereotipado conforme o gosto masculino, somos muito mais que isso – somos seres humanos. Como leitora e pesquisadora, gostaria de prestar meu agradecimento a essas autoras que, apesar de todas as dificuldades que envolvem a profissão de quadrinista, insistem em produzir e retratar as complexidades humanas. Além de Aline Lemos, todas as

¹ Maiores informações sobre o conceito de *broderagem* disponíveis em: <http://collantsemdecote.com.br/broderagem-mercado-e-exclusao/>. Acesso em 11 dez. 2016.

mulheres citadas aqui também, merecem ser objeto de trabalhos acadêmicos e constituir possíveis desdobramentos dessa pesquisa.

Quando uma autora mistura questões relevantes e um trabalho artístico de qualidade, ela merece ser estudada. A escolha por Lemos como estudo de caso do presente trabalho, como já mencionado, não foi arbitrário. Sua produção importa porque ainda incomoda; debater assuntos tabus, como aborto e relacionamentos abusivos, em quadrinhos disseminados de forma gratuita na internet, é uma forma ativa de militância em busca de maior igualdade. O trabalho feito por Aline Lemos reflete questões que interessam à atualidade com poder de mudança; espero, apenas, que a autora dê continuidade a sua produção no futuro.

REFERÊNCIAS

- ARONOVICH, Lola. As Poses das Superheroínas. *Escreva Lola Escreva*, 07 dez. 2011. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2011/12/as-poses-das-superheroínas.html>>. Acesso em: 08 dez. 2016.
- ASSIS, Érico. Selo de quadrinhos Barba Negra vai fechar. *Omelete*. [s.l.]. 21 nov. 2012. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/noticia/selo-de-quadrinhos-barba-negra-vai-fechar/>>. Acesso em: 27 nov. 2016.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- CHUTE, Hillary L. *Graphic women: life narrative & contemporary comics*. New York: Columbia University Press, 2010. 298 p.
- CLARK, T. J. *A Pintura da Vida Moderna: Paris na arte de Manet e seus seguidores*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 504 p.
- COAN, Samanta. Mulheres em quadrinhos – parte 1. *Lady's Comics*. [s.l.]. 16 nov. 2012. Disponível em: <<http://ladyscomics.com.br/mulheres-em-quadrinhos-parte-1>>. Acesso em: 12 nov. 2016.
- COLI, Jorge. *O Corpo da Liberdade*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 368 p.
- FRANSCINA, Francis et al. *Modernidade e Modernismo: Pintura francesa no século XIX*. São Paulo: Cosac Naify, 1998. 296 p.
- GALETTI, Camila Carolina H. Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo. In: REDOR, 18., 2014, Recife. *Anais...*. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. p. 2196 - 2210. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/533/771>>. Acesso em: 01 dez. 2016.
- GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012. 688 p.
- GONÇALVES, Marcos Augusto; COLOMBO, Sylvia. O Império da Companhia das Letras. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 01 nov. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/12/478615-ilustrada-50-anos-2006---o-império-da-companhia-das-letras.shtml>>. Acesso em: 12 nov. 2016.
- JOHNSTON, Rich. The Biggest Comic Convention In America... Is In South America? *Bleeding Cool*. [s.l.], 12 dez. 2011. Disponível em:

<<http://www.bleedingcool.com/2011/12/12/biggest-comic-convention-america-south-america/>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

KERN, Daniela. *Alexandre Cabanel, uma força subterrânea*. Resbalando no Cubo Branco, s.l., 06 ago. 2010. Disponível em: <<http://resbalandonocubobranco.blogspot.com.br/2010/08/alexander-cabanel-uma-forca-subterranea.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

KNIGHT, Gladys L. *Female Action Heroes: A Guide to Women in Comics, Video Games, Film, and Television*. Santa Barbara (CA): Greenwood, 2010. 344 p.

LEMOS, Aline. Entrevista I. [nov. 2016]. Entrevistador: Jéssica Bernardi. Porto Alegre, 2016. Entrevista realizada por meio eletrônico. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice II desta monografia.

LEMOS, Aline. *Melindrosa: folhetim erótico político fantástico do século XXI*. Belo Horizonte: [s.n.], 2015.

LOVELOVE6. *Garota Siririca*. Brasília: [s.n.], 2015.

MACKINNON, Catharine A.. Feminismo, Marxismo, Método e o Estado: Uma agenda para teoria. *Revista Direito e Práxis*, [s.l.], v. 7, n. 15, p.798-838, 14 set. 2016. Universidade de Estado do Rio de Janeiro.. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25361/18228>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

MASTROBERTI, Paula. *Mulheres em quadrinhos no brasil: o cantar das sereias pescadas pela rede*. In: CONGRESO INTERNACIONAL VIÑETAS SERIAS, 3., 2014, Buenos Aires. Actas. Buenos Aires: Uba, 2014. p. 58 - 76. Disponível em: <<http://www.vinetasserias.com.ar/pdf/2014/vs2014-mesa09.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. *Quadrinhos: história moderna de uma arte global*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. 320 p.

MEDEIROS, Estefani. Em Frankfurt, Maurício comentou falta de brasileiras nos quadrinhos. *Malaguetas*. [s.l.]. 16 out. 2013. Disponível em: <<http://malaguetas.blog.br/em-frankfurt-mauricio-de-sousa-comentou-falta-de-mulheres-na-producao-de-hqs-nacional/>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

MOYA, Álvaro de. Como surgiu a personagem Mafalda e uma análise da obra do argentino Quino. *O Estadão*. São Paulo, 17 dez. 2014. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,como-surgiu-a-personagem-mafalda-e-uma-analise-da-obra-do-argentino-quino,1608190>>. Acesso em: 7 dez. 2016.

NOCHLIN, Linda. From 1971: *Why Have There Been no Great Women Artists?*. *Art News*. Disponível em <<http://www.artnews.com/2015/05/30/why-have-there-been-no-great-women-artists/>>. Acesso em 11 mai. 2016.

OCAÑA, Jéssica Zappas. *Buceta Subversiva: Corpo, sexualidade e desejo no zine Garota Siririca*. 2015. 113 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

OLIVEIRA, Grazielle; KORTE, Júlia. A nova luta das mulheres. *Revista Época*, São Paulo, fev. 2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bnova-lutab-das-mulheres.html>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

PARKER, Rozsika; POLLOCK, Griselda. *Old Mistresses: Women, Art and Ideology*. Londres; Nova York: I.B.Tauris & Co Ltd, 2013. 184 p.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008. 192 p.

PUIG, Rebeca. It's a Trap! – O (Não Tão) Fabuloso Quadrinho Brasileiro 2015. *Collant Sem Decote*. [s.l.]. 10 nov. 2015. Disponível em: <<http://collantsemdecote.com.br/fabuloso-quadrinho-brasileiro-2015/>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

PUIG, Rebeca. A Representação Feminina na Cultura Mainstream: "Women in refrigerators" e o caso Vespa/Homem-Formiga. *Collant Sem Decote*. [s.l.]. 25 nov. 2015. Disponível em: <<http://collantsemdecote.com.br/a-representacao-feminina-na-cultura-mainstream-parte-1/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

PUIG, Rebeca. Manara, Cho e a tal da Subversão do Tabu. *Collant Sem Decote*, 01 nov. 2016. Disponível em: <<http://collantsemdecote.com.br/manara-cho-e-a-tal-da-subversao-do-tabu/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

RAMOS, Paulo. *A revolução do gibi: A Nova Cara dos Quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012. 520 p.

RIBEIRO, Djamila. As diversas ondas do feminismo acadêmico. *Carta Capital*, [s.l.], 25 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escriptorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

RIBEIRO, Djamila. Por um olhar interseccional. *Lugar de Mulher*, 16 jun. 2015. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/feminismo-interseccional/>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

ROBBINS, Trina. *Pretty in ink: north american women cartoonists, 1896-2013*. Seattle, WA: Fantagraphics Books, 2013. 180 p.

SCOTT, Joan W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, [s.l.], v. 91, n. 5, p.1053-1075, dez. 1986. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1864376>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

SILVA, Ivone Gomes da. *Legenda Quadrinhos: Design, informação e memória*. 2010. 170 f. TCC (Graduação) - Curso de Design Gráfico, Universidade do Estado de Minas

Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/oB265vkz_aEDKX1dxWFBpLWNhNoo/view>. Acesso em:
04 dez. 2016.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. O corpo inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX. *Artcultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p.83-97, jan./jun. 2007. Disponível em: <[http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/Ana Paula Cavalcanti.pdf](http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/Ana%20Paula%20Cavalcanti.pdf)>. Acesso em: 2 dez. 2016.

SORABELLA, Jean. The Nude in Baroque and Later Art. *The Metropolitan Museum of Art*. Disponível em <http://www.metmuseum.org/toah/hd/nuba/hd_nuba.htm>. Acesso em 10 nov. 2014.

SPIVACK, Emily. The History of the Flapper, Part 1: A Call for Freedom. *Smithsonian.com*, [s.l.], 05 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.smithsonianmag.com/arts-culture/the-history-of-the-flapper-part-1-a-call-for-freedom-11957978/>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

VALEK, Aline. *Mulheres nos quadrinhos – Pt. 1*. [s.l.]. 20 dez. 2009. Disponível em:
<<http://www.alinevalek.com.br/blog/2009/12/mulheres-nos-quadrinhos-pt-1/>>. Acesso em
10 out. 2016.

VALEK, Aline. O machismo das ausências. *Carta Capital*. [s.l.]. 27 jul. 2016. Disponível em:
<<http://www.cartacapital.com.br/cultura/o-machismo-das-ausencias>>. Acesso em: 28 nov.
2016.

VIDAL, Ava. 'Feminismo Interseccional' – Que diabos é isso? (E porque você deveria se preocupar). *Blogueiras Feministas*, 24 jul. 2014. Disponível em:
<<http://blogueirasfeministas.com/2014/07/feminismo-interseccional-que-diabos-e-isso-e-porque-voce-deveria-se-preocupar/>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO 1

Nome completo:

Aline Daka

Idade:

37

Cidade onde vive:

Picada Café <-> Porto Alegre

Formação:

Formada em Artes Visuais, bacharelado - IA, UFRGS. Atual: mestrandia - Filosofias da Diferença e Educação, PPGEDU - UFRGS.

Publicações:

Revistas digitais e independentes: Revista Farpa, Revista Inverna, Revista Esqueleto, ed. Osso, Pararraios Comics e (n.t.) Revista Literária em Tradução.

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Lourenço Mutarelli, Guido Crepax, Alberto Breccia, Jeffrey Catherine Jones, Erika Giovanna Klein, Pedro Franz, Junji Ito, Patricia Breccia e Marjane Satrapi.

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Paralela a produção de fanzines autorais, dentro do movimento anarcopunk. Depois retornou no final da faculdade, quando comecei a produzir novamente.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Desde de que me lembro, sempre, por meio de pensamentos e de imagens, através das vivências alternativas em grupo, da literatura, do cinema e da arte. O feminismo foi o tema dos meus fanzines e é o foco do meu trabalho em arte.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Sempre se sofre, mas na maioria dos casos isso é bem sutil e de tão comum fica difícil descrever se não ocorreu um caso mais grave. Acho que um dos pontos que dá pra colocar é que, por mais que você produza, é difícil você ser notada num meio hegemônico como o das HQs, seja no grupinho dos meninos ou das meninas, que também tem as suas regras, a não ser que você encarne algum tipo de clichê que as pessoas estão acostumadas a exaltar. É difícil encontrar pessoas que tem a arte como foco e não o comércio ou o "reconhecimento". Por outro lado sempre trabalhei com parceiros masculinos e de forma bastante livre e em termos igualitários. Na Pararraios Comics trabalhei com roteiro de Vicente Pietroforte e na (n.t.) trabalho com o Gleiton Lentz, que traduz os textos que eu vou adaptar para HQs, eles são ótimos parceiros.

QUESTIONÁRIO 2

Nome completo:

Aline de Castro Lemos

Idade:

27 anos.

Cidade onde vive:

Belo Horizonte

Formação:

Mestrado em História, formação complementar em Artes e Design Gráfico.

Publicações:

Fanzines: Liturgia das Bruxas, Vênus, Melindrosa. Página online: Desalineada.

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Estrangeiros: Marjani Satrapi, Neil Gaiman, Dave McKean, Kate Beaton, Cyril Pedrosa, CLAMP. Brasileiros: Laerte, Lovelove6, Ryot, Germana Viana, Manzana, André Dahmer, Luís Felipe Garrocho, Eduardo Damasceno, Pedro Cobiaco, entre outros!

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Eu gostava de ler e desenhar quadrinhos desde criança, mas a escolha de me dedicar profissionalmente a isso veio tardiamente, quando eu estava concluindo minha graduação em História. Apesar de gostar muito da área em que eu estava, eu sentia falta de me expressar visualmente e de dialogar com um público maior que a academia ou uma sala de aula. Fazer quadrinhos era um desejo que ficava no sonho, mesmo na época em que eu fiz um curso de seis meses, por volta de 13 anos. Sempre digo que duas coisas me ajudaram a sair do campo do "sonho" e ir para a prática, o objetivo de fazer quadrinhos: o FIQ (Festival Internacional de Quadrinhos) e as iniciativas de incentivo a autoras iniciantes. No FIQ eu conheci autores de

quadrinhos que eram gente como eu e comecei a pensar que era algo possível para mim, também. Comecei a conhecer o meio independente, a frequentar feiras e a participar de coletivos de mulheres artistas e quadrinistas, como as ZiNas e a Mandíbula. O meu primeiro quadrinho foi uma história de quatro páginas sobre minha avó materna, feita para a "Revista Inverna - Ficção Gráfica de autoria feminina" no final de 2013 (ela pode ser lida no social comics). Logo em seguida participei do Zine XXX, criei uma página e comecei a divulgar meu trabalho e participar de grupos de facebook sobre quadrinhos, artes e feminismo.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Com certeza. Eu comecei a fazer quadrinhos na mesma época em que passei a estudar mais profundamente sobre o feminismo, a me envolver em coletivos de mulheres e, principalmente, a me expressar mais livremente. Foi natural para mim que meus quadrinhos explorassem temas em diálogo com o feminismo, porque eu tinha muita vontade de debater, pensar e sentir sobre isso. Temas como a sexualidade, a militância e a liberdade do ponto de vista de uma mulher. Não quer dizer que seja o único tema dos meus trabalhos, mas mesmo quando não falo diretamente sobre feminismo, ainda existe uma influência subjetiva, porque o feminismo me proporciona ferramentas interessantes de crítica cultural e social que fazem parte da minha abordagem.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Felizmente, nunca sofri uma ofensa direta. O que já aconteceu comigo foi leitores entrarem em contato de modo invasivo, acreditando que podem ter liberdades que não cabem porque eu faço quadrinhos eróticos. A discriminação no meio dos quadrinhos também acontece como na sociedade, de modo estrutural e disseminado, o que quer dizer que afeta a todas nós, de forma diferente para cada uma. São extremamente comuns os discursos machistas que buscam deslegitimar as nossas vozes no meio, seja atacando ou estereotipando a produção de mulheres, ou reclamando contra as demandas por igualdade - de representação, de salários, de proteção contra assédio... Às vezes são direcionados diretamente a quadrinistas, o que felizmente nunca aconteceu comigo. Outra coisa que gosto de observar é que o machismo pode se manifestar na forma de barreiras que atrapalham a produção das mulheres, barreiras que vão desde a baixa auto-estima até a vergonha de expôr

seu trabalho em ambientes que podem não ser receptivos. Depois de anos de exclusão do mercado e de canais de aprendizado, de machismo ainda enraizado na sociedade, existem consequências profundas. Ainda existem coletâneas, prêmios, eventos e livrarias que não se dignam a apresentar uma autora mulher, por exemplo.

QUESTIONÁRIO 3

Nome completo:

Cátia Ana Baldoino da Silva

Idade:

32

Cidade onde vive:

Goiânia

Formação:

Design Gráfico.

Publicações:

O Diário de Virgínia, SPAM, Pequi com quadrinhos, QICO, Refúgio.

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Eisner, Winsor Mccay, Craig Thompson.

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Publicação de webcomic.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Os quadrinhos feministas me ajudaram a repensar a forma como eu mesma crio personagens femininas.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Não.

QUESTIONÁRIO 4

Nome completo:

Daniela Beleze Karasawa

Idade:

37

Cidade onde vive:

Campinas/SP.

Formação:

Letras (USP) e Engenharia Mecânica (em curso).

Publicações:

Tamashi no Hunter (CAzine) e InQueen (www.in-queen.com).

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Brasil: Bianca Pinheiro, Studio Seasons, Germana Viana; Exterior: CLAMP, Takeuchi Naoko (arte), entre outras autoras japonesas das décadas de 70 e 80.

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Desde muito pequena escrevo e desenho como forma de diversão/terapia. No final de 1990, produzi fanzines com amigos e depois fui fazendo cursos e produções independentes. Agora estou com InQueen, que terá início em agosto.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Totalmente. Iniciei InQueen em 2011 e de lá pra cá me vejo de outra forma como mulher/ser humano e isso refletiu na "refação" das características de todas as personagens. O capítulo zero do novo InQueen está na Revista Inverna Volume 1.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

No campo dos quadrinhos não, mas em outros ambientes de trabalho, com certeza.

QUESTIONÁRIO 5

Nome completo:

Kellen Carvalho

Idade:

36

Cidade onde vive:

São Paulo

Formação:

Comunicação Visual pela Escola Panamericana de Arte e Design.

Publicações:

Revista Digital Idea Fixa - ed. 14, Projeto Arte na Capa do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso - (programação de junho 2010), Zine Golden Shower - 2ª ed., Revista Picles - edição especial Só Mulherada, Exposição "Mujeres Palestinas, resistencia por detrás de los muros" - Museu de Humor Gráfico Diógenes Taborda e Revista Inverna - 1ª ed.

Editora e produtora da Revista Velha Cosmopolito.

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Tenho acompanhado o trabalho da Franziska Becker, Alison Bechdel, Troche, Cornellà e Brecht Vandenbroucke.

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Comecei a me interessar na idade adulta por quadrinhos undergrounds brasileiros e americanos. Depois veio o envolvimento com publicações independentes participando dos eventos, feiras e troca de ideias com os produtores.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

No início da criação da minha Revista Velha, em 2010, não fazia ideia do quão feminista ela era. Hoje com a mobilização e empoderamento das mulheres que vem crescendo no nosso país, vejo que a minha necessidade de novos rumos e ideias não era algo particular e sim de uma geração.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Acho que a maior discriminação que vivi é a dificuldade de espaço nos veículos e editoras, tanto para mim como para todas as mulheres que produzem.

QUESTIONÁRIO 6

Nome completo:

Lorena Kaz Alves Pinto

Idade:

33

Cidade onde vive:

São Paulo

Formação:

Designer

Publicações:

Vários zines, Golden Shower, Revista Inverna, Periquitas, Pilotis, Pnob, Subversos, Gloss, Recreio, Saúde, Folha de S.P., Runner's Wold, entre outras. Livro "Uma lhama no cinema", Livro "Morrer de amor e continuar vivendo".

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Liniers, Andre Dahmer, Maitena, Marion Fayolle, David Shrigley

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Comecei publicando meus quadrinhos no blog. blogspot. Na época o que me deu vontade de começar era fazer graça das minhas situações de vida. Não me lembro de ter referencias de artistas.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Não. Comecei há muitos anos, mais de 13, e não era esta moda que está hoje... Talvez o que tenha me influenciado mais tenha sido a revista MAD, os quadrinhos do Baraldi na Rock Brigage/Rodie Crew e os do Airon na revista querida...Só homens. Que eu saiba, não tinha

nenhuma mulher publicando naquela época. Eu gostava dos quadrinhos que falavam de vida de menina, como a Tina e a Kika, mas eram homens que faziam.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Não. Como falo de autoconhecimento e vida, da minha vida, nunca senti preconceito. Acredito que haja mais preconceito contra as meninas que fazem quadrinhos de super-heróis...

QUESTIONÁRIO 7

Nome completo:

Maria Fernanda Fuscaldo

Idade:

25

Cidade onde vive:

Porto Alegre.

Formação:

Bacharel em Artes Visuais / Publicidade e Propaganda.

Publicações:

Somente trabalhos independentes, fanzines.

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Marjane Satrapi, Eduardo Medeiros, Neil Gaiman e Ana Luiza Koheler.

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

A partir dos desenhos animados do X-men.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Nos meus primeiros trabalhos, infelizmente, não. Entretanto, atualmente o feminismo vem, cada vez mais, se tornando a base para o que crio.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Não, mas já aconteceram coisas como: acharam que a minha história era feita por um homem pelo estilo do traço.

QUESTIONÁRIO 8

Nome completo:

Montserrat (Irene Castilla Rios)

Idade:

44

Cidade onde vive:

Guarulhos.

Formação:

Ensino médio completo.

Publicações:

Ronins, Oiran, 7 Dias em Alesh, Mitsar, Zucker, Helena, Os 50 Avistamentos do Grande Fofinho, Zona Quantum, Contos de SherMor, Patuska e Os Senhores das Lendas.

Nomes que são referência para o seu trabalho:

São vários, alguns deles são Kaoru Mori, Rumiko Takahashi, Clamp, Hiroaki Samura, Range Murata, Alphonse Mucha, Antoine de Saint-Exupéry, Elizabeth Gaskell, Jane Austen, Stephen Hunt, Machado de Assis.

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Foi há vinte anos, quando eu comecei a conhecer mangá. Me interessei muito pela estética e variedade de estilos e temas. Já escrevia e desenhada, então quis tentar mexer com roteiros e quadrinhos para ampliar minhas possibilidades criativas.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Creio que sim, no sentido em que nunca me achei incapaz de realizar nada dentro do trabalho. Para mim, mulheres fazerem quadrinhos é tão natural quanto homens fazerem. Acredito na igualdade de possibilidades e aptidões.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Sim. Tanto de leitores que desprezam material feito por mulheres, acreditando que é algo mal feito ou sem conteúdo, como de alguns artistas que acham que mulher que faz quadrinhos só é capaz de falar de romances e nada mais. Também já vi blogueiros insinuarem que mulheres quadrinistas também podem ter feito "teste do sofá" pra explicar o motivo de terem sido publicadas.

QUESTIONÁRIO 9

Nome completo:

Natalia Costa de Matos

Idade:

28

Cidade onde vive:

Fortaleza/CE

Formação:

Graduada em Arquitetura e Urbanismo, graduação em andamento em Licenciatura em Artes Visuais.

Publicações:

Online, no meu tumblr - natalia-matos.tumblr
revista mulheres nos quadrinhos (publicação física)
zine xxx (publicação física)
revista farpa (publicação física)
revista inverna (online)
coletivo mandíbula (facebook)

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Samanta Floor, Jen Wang, Emily Carrol, Bastien Vivés, Shau Tan, Joana Concejo.

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Desenhava e fazia histórias apenas para mim mesma. Depois que frequentei a Oficina de Quadrinhos (um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará, funciona desde o início dos anos 90 oferecendo cursos de quadrinhos), entre 2010 e 2011, foi que comecei a

produzir pensando em publicar, e foi quando conheci mais pessoas com o mesmo interesse. Isso foi um estímulo.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Com certeza. Na produção, sempre coloco muito do que eu sou, e não posso evitar de escrever sobre minhas posições. Acho também que as histórias (não só em quadrinhos, mas de outras linguagens) tem um papel importante na desconstrução do machismo e de papéis de gênero, pois todo produto cultural tem esse potencial.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Sim, várias vezes fui convidada a participar de mesas para "preencher a cota da autora feminina" ou quando sempre se referem ao meu trabalho como "fofo e feminino".

QUESTIONÁRIO 10

Nome completo:

Paula Mastroberti

Idade:

53

Cidade onde vive:

Porto Alegre

Formação:

Bacharelado em Artes Plásticas, Doutorado em Letras.

Publicações:

Em quadrinhos: Adormecda: cem anos para sempre (8Inverso, 2012) e Osmose: O Brasil e a Alemanha em Quadrinhos (Libretos/ Goethe Institut, 2013).

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Gustave Doré, Philippe Druillet, Moebius, Guido Crepax, Bernie Wrightson, John Findley.

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Muito cedo, desde a adolescência. Lia e produzia muito quadrinho, para meus irmãos e para os amigos lerem. Dos 10 aos 15 anos, lia basicamente quadrinhos de super-heróis (curtia O mestre do Kung Fu, Batman, Surfista Prateado, X-Men). A partir dos 17 anos, descobri a revista Heavy Metal e o quadrinho europeu.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Meu trabalho não foi diretamente influenciado pelo feminismo. Eu nunca fui uma feminista. Mas meus temas de abordagem eram femininos, o ponto de vista era feminino. Na

época, eu não percebia o preconceito, sentia muita raiva das panelinhas de quadrinistas homens, mas não tinha consciência do motivo.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Sim, muitas vezes. Somente há poucos anos os eventos (feiras, festivais, premiações) estão se abrindo para a participação feminina. O Grupo Mulheres em Quadrinhos (e onde saiu Inverna) quando foi formado, assustou homens e mulheres cujo pensamento ainda estava preso a um sistema sexista, dominado por homens.

QUESTIONÁRIO 11

Nome completo:

Thaís Gualberto

Idade:

30

Cidade onde vive:

João Pessoa

Formação:

Bacharelado em Arte e Mídia.

Publicações:

Coletivas: Sanitário (1 e 2), Prego (6), Zine XXX. Individual: Olga, a sexóloga.

Nomes que são referência para o seu trabalho:

Não tenho referências muito claras... Mas uma referência evidente no traço da Olga é o Henfil.

Como começou teu envolvimento com os quadrinhos?

Li quadrinhos em vários momentos da vida e algumas vezes experimentei fazer algumas tiras. Mas em 2009 criei a personagem Olga, também passei a conhecer o trabalho de outras quadrinistas e fui me envolvendo cada vez mais nisso.

Você acredita que o feminismo tenha influenciado seu trabalho? Como?

Sim, o feminismo é algo presente no meu trabalho e de certa forma é um forte componente na evolução dele.

Você já sofreu discriminação de gênero dentro do campo de quadrinhos?

Não me lembro agora de nenhuma ocasião.

APÊNDICE II – ENTREVISTA COM ALINE LEMOS

Jéssica Bernardi No questionário, você menciona que desde criança já lia quadrinhos. Quais leituras você acredita que te marcaram desse período?

Aline Lemos Fui alfabetizada lendo Turma da Mônica e Mafalda. Depois, tive contato com os mangás, que me introduziram a narrativas variadas na forma de quadrinhos: Dragon Ball, Sakura Card Captors, Samurai X.

JB O que motivou você a se voltar para os quadrinhos já adulta, após a sua graduação? Alguma referência importante?

AL O meu interesse por quadrinhos continuou e se aprofundou durante a faculdade. Tive contato com quadrinhos europeus - Neil Gaiman, Alan Moore - e nacionais - Fábio Moon e Gabriel Bá, Ricardo Tokumoto (Ryot), André Dahmer... Eu continuava gostando de ler e inclusive pesquisar quadrinhos, mesmo na faculdade de História. Quando me formei, percebi que não queria atuar profissionalmente nessa área e tomei coragem para perseguir o sonho antigo de produzir quadrinhos profissionalmente. Antes, tinha a vontade, mas não cogitava essa possibilidade de modo concreto. Como mencionei, me ajudou a superar isso frequentar eventos de quadrinhos e ver quadrinistas produzindo de perto, como o Ricardo Tokumoto, o Eduardo Damasceno e o Felipe Garrocho, no FIQ, e também participar de iniciativas de incentivo a autoras mulheres iniciantes, como o Zine XXX e a Revista Inverna. Eu cursei Design Gráfico ao mesmo tempo em que escrevia minha dissertação de mestrado em História... Foi um momento difícil, mas em que eu desenvolvi meu autoconhecimento e confiança.

JB Quais seriam as suas referências atualmente?

AL São muitas, mas gosto de citar principalmente a produção nacional independente, pois foi ela que me fez acreditar ser possível fazer quadrinhos. Vou citar alguns: Laerte, Ana Khoeler, André Dahmer, Lovelove6, Ricardo Tokumoto, Diego Sanchez, Felipe Garrocho, Eduardo Damasceno, Lu Caffagi, Germana Viana, Marcelo D'Saete, Pedro Cobiaco, Taís Koshino, Manzanna, Catharina Baltar, Laura Athayde, Lita Hayata... (são muitos!!). Alguns estrangeiros que tenho como referência: Marjane Satrapi, Cyril Pedrosa, Neil Gaiman, Dave McKean, Kate Beaton.

JB Você se considera feminista, certo? Poderia falar um pouco sobre o que é o feminismo para ti? Está alinhada com alguma linha de pensamento? Se sim, mencione alguma autora importante para você.

AL Sim, sou feminista. Entendo o feminismo como formas de conhecimento, ferramentas de ação política contra a desigualdade econômica, social, política e cultural entre os gêneros. Acredito que para ser eficaz nisso, ele precisa levar em consideração o contexto social e as várias formas de opressão existentes, como o racismo e a desigualdade social. Por isso me identifico com uma linha interseccional... Mas não conheço profundamente autoras do feminismo interseccional, estou iniciando minhas leituras ainda. As autoras com quem mais tive contato foram pesquisadoras acadêmicas de várias áreas, que não necessariamente usam o termo interseccionalidade. Donna Haraway, Judith Butler, Margareth Rago, Maria Amélia de Almeida Telles, Simone de Beauvoir e Evelyn Fox Keller. Atualmente, estou procurando ler autoras dos feminismos negros e literatura, como Chimamanda Ngonzi Adiche e Paulina Chiziane.

JB É inegável que o feminismo é uma influencia temática para os seus quadinhos, mas você acredita que ele influencia a sua produção visualmente? A forma como você desenha teria, de alguma forma, sido influenciada pelo feminismo? Você percebe alguma ligação com artistas/ilustradoras militantes?

AL Eu acredito muito na influência do feminismo, das ideias de modo geral, na cultura e prática visual. Conteúdo e forma nunca são tão separados quanto parecem, apesar de que mesmo artistas têm dificuldade de perceber isso. O machismo, como o racismo, a transfobia, etc., também estão arraigados e são praticados na cultura, seja intencionalmente ou não. A história do cinema mostra como com frequência as imagens mostradas na tela são guiadas por um olhar masculino que se dirige à mulher enquanto objeto a ser contemplado ou manipulado - a cena clichê da personagem que introduzida na trama sendo filmada dos pés à cabeça, por exemplo. Os quadinhos também estão sujeitos a esse olhar. Têm uma história de representação da mulher que, quando existe, é baseada na sexualização objetificada. Isso passa não só pelos temas, mas pela forma com que o leitor é presumido como sendo homem hetero e convidado a olhar para a mulher dessa forma. Então, quando eu desenho, minhas escolhas refletem uma ruptura com isso, inclusive no campo visual. A forma com que desenho as mulheres é uma prática de

representação que busca ser diferente desse marco machista. A massa dos corpos, os ângulos e as cores que eu escolho são igualmente afetados por essa prática. Penso que muitas ilustradoras e quadrinistas atuais também estão buscando isso, e é por isso que temos pontos de vistas e representações cada vez mais variados e interessantes à nossa disposição. Mas ainda existe muito a ser debatido sobre o assunto. Uma coisa interessante a se discutir, por exemplo, seria o lugar inferior reservado às expressões artísticas consideradas "fofas" ou "femininas". Presenciei pessoas experientes do meio e editores desprezando essas coisas como superficiais e tolas, mas apenas quando vinham de autoras mulheres - quando homens fazem o mesmo, são louvados. E existem muitas artistas usando recursos visuais que podem ser considerados "fofos" para criar narrativas inovadoras, provocantes e profundas.

JB Na série "Mulheres na Arte", é possível perceber seu interesse por história da arte. Como surgiu a ideia de fazer uma série que relaciona arte e visibilidade feminina?

AL A ideia surgiu pela escassez de material acessível sobre as mulheres artistas no Brasil. Temos poucos nomes conhecidos, como o de Tarsila e Anita Malfatti, mas as artistas brasileiras são e foram inúmeras e diversas, que com frequência caíram no esquecimento. Ainda hoje os espaços artísticos são ocupados predominantemente por homens brancos, mesmo que nas escolas de artes, por exemplo, a presença de mulheres seja igual à de homens. Minha intenção não é sugerir novos nomes excepcionais para endeusá-los e ofuscar todo o resto, mas discutir o processo histórico de invisibilização da produção de mulheres. Nesse sentido, as mini-biografias não são um fim em si mesmo, mas interessam no seu conjunto. Mesmo assim, são importantes, pois humanizam os personagens de uma discussão que às vezes é muito abstrata. Quero que essas histórias possibilitem olhar para as mulheres artistas como sujeitos em seus contextos, que nos permitam ter acesso a narrativas e pontos de vistas que não predominaram durante a história. Embora meu trabalho seja informado por pesquisa e eu pense com frequência sobre tudo isso, meu compromisso é com o presente. A parte que mais me importa é a representatividade. A minha intenção é que através de uma representatividade mais diversa e complexa, leitoras possam se inspirar e fortalecer em suas vidas, hoje. Pensando bem, é isso o que esse trabalho significa para mim. A ideia de fazer a série surgiu dessas reflexões, mas

necessidade de fazê-la veio do fato de que eu, como mulher, estava/estou tentando encontrar meu lugar como artista.

JB Sobre a zine "Melindrosa", gostaria que você falasse um pouco sobre a criação dela, especialmente em termos formais - já que ela não tem falas e é visualmente mais arrojada, menos presa ao formato hierático de quadros - e também por que a escolha por uma história erótica.

AL A zine Melindrosa também foi um projeto bem pessoal, que reuniu várias coisas que eu estava trabalhando naquele momento. Na verdade, não foi bem um projeto, mas um experimento, porque eu não tinha planejado desde o início o que ela seria. Eu havia acabado de terminar meu mestrado em história e de decidir me dedicar profissionalmente aos quadrinhos. Foi natural para mim juntar um pouco as coisas. Eu estava pesquisando os contos de Berilo Neves, um escritor brasileiro de humor e ficção científica ativo durante os anos 20 e 30, que explorava as discussões sobre modernização e feminismo nessa época. É um contexto muito interessante, no qual ciência, política e arte eram mobilizadas de formas criativas para discutir questões ainda hoje muito relevantes, como a liberdade sexual e política das mulheres. Acabei conhecendo os escritos de Ercília Nogueira Cobra sobre o assunto, que eram extremamente provocativos e atuais, apesar de serem publicados nos fins dos anos 1920. No seu manifesto "Virgindade inútil", ela ataca a dependência financeira que a moral obriga as mulheres a enfrentarem, tendo como única opção o matrimônio virgem ou o ostracismo da prostituição. Ercília também escreveu uma ficção científica um pouco auto-biográfica, em que exemplificava seu manifesto através da história de uma jovem que é expulsa de casa e precisa lutar por independência e sobrevivência em um mundo moderno. Esse texto foi a inspiração para a Melindrosa. Eu queria explorar e dar vazão às coisas que vinha estudando de uma forma não acadêmica, no caso, os quadrinhos. Falar sobre liberdade, sexualidade e modernidade, que foram as grandes questões para mulheres como Ercília e anti-feministas como Berilo Neves, mas que com frequência são as nossas. Foi um certo sacrilégio historiográfico, pois na Melindrosa não estou interessada em compreender esse passado em sua especificidade, mas trazê-lo para o presente. Fazer um paralelo com nossas vivências hoje e o contexto de debates e incertezas da transição dos anos 20 para os 30: um momento de muitas disputas e lutas, de fé no progresso da modernidade, mas um progresso que não atingia a todos da mesma forma. Por isso quis

explorar o art déco, estilo desenvolvido nesse contexto e por excelência o estilo da celebração e da zombaria da modernidade. Para nós ele evoca a nostalgia e o retrô, mas consegue manter a novidade e a ousadia, sendo perfeito para uma história retro-futurista como a Melindrosa. Além disso, eu achava que a própria figura da melindrosa ainda tinha muitas coisas interessantes a serem exploradas. Na época em que foi popularizada pelas caricaturas do J. Carlos, a melindrosa era uma espécie de símbolo do mundo moderno e da mulher nele, encantadora, sedutora, leviana, perigosa. Foi uma representação que estava no centro das preocupações sobre o lugar social da mulher na época, em inevitável transformação, às vezes vista como símbolo de progresso, às vezes como culpada por todo tipo de males sociais. Eu também queria usar esse símbolo, ou melhor, fazer da melindrosa não mais um símbolo, mas uma personagem com agência própria, não apenas um depositário de significados da modernidade. Como dá pra perceber, eu tinha vontade de trabalhar com muitos conceitos. Nem tudo isso foi premeditado ou realizado, mas experimentado durante a Melindrosa. Muitas vezes o resultado final ficou prejudicado, principalmente em termos de continuidade, consistência e clareza, por causa disso. Por isso acho que a Melindrosa foi muito mais uma investigação do que um projeto.

JB Mesmo em trabalhos bem iniciais seus, pude perceber bastante influência do feminismo nas temáticas. Isso sempre foi uma preocupação pra você? Esses temas vêm naturalmente na criação nas histórias ou é uma escolha inseri-los?

AL Acho que isso tem a ver com minha história pessoal, também. Eu comecei a fazer quadrinhos na mesma época em que comecei a pesquisar e me envolver mais com o feminismo. Isso me afetou pessoalmente de uma forma muito forte, pois foi o que me deu confiança para me expressar, inclusive artisticamente. Então, foi natural para mim explorar temas diretamente ligados ao feminismo. Eram as coisas que eu estava vivendo, que me motivavam e intrigavam, e queria discutir sobre aquilo.

JB Que dificuldades você sente para se estabelecer como quadrinista no Brasil?

AL Acredito que as principais dificuldades para se estabelecer como quadrinista no Brasil vem do nosso mercado de trabalho ainda pouco consolidado. Ainda é muito difícil para os independentes alcançarem o público, porque é difícil ter acesso aos principais canais de distribuição do mercado editorial. É por isso que raramente vemos material independente em bancas de jornal ou em grandes livrarias, por exemplo. Outras

oportunidades têm crescido e vêm alterando esse contexto, como a internet e o financiamento coletivo. Pessoalmente, só consegui me inserir no mercado graças à democratização relativa da internet, que me permite publicar livremente, e aos grupos e coletivos de mulheres artistas que vêm se unindo para dar mais visibilidade ao nosso trabalho. Outro problema é que o trabalho do artista ainda é pouco valorizado. Ainda não é comum o hábito de consumir cultura na nossa sociedade, de pagar por uma revista independente, de financiar a carreira de um artista, de dar um presente comprado de um produtor local. Para os quadrinistas é pior ainda, pois ainda existe muito preconceito sobre o que é ou pode ser quadrinhos, muita gente ainda acha que só existe quadrinhos para crianças ou fãs de super-heróis. E pensando em aspectos ainda mais gerais, precisamos considerar que as condições sociais no Brasil ainda não permitem que a cultura seja acessível para todos, em termos de alfabetização e financeiros.

JB Como você percebe a situação da mulher atualmente no mercado e o meio de quadrinhos brasileiro?

AL Sinto que vivemos um momento de muitos debates positivos e de mobilização das mulheres enquanto produtoras e consumidoras da cultura. Estão em voga debates sobre a representatividade feminina, iniciativas e coletivos que visam visibilizar a produção estão ativos, por isso sou muito otimista. Grandes festivais como o FIQ passam a fazer um esforço para responder a situações machistas no meio e a se certificar de que palestrantes mulheres são convidadas em todas as mesas, como devia ser natural. Acredito nessas forças positivas, o que não quer dizer que o contexto não seja machista. Ele ainda é, como na sociedade em geral. Todos esses esforços produzem resistência vindas dos produtores e consumidores da área, sempre. A maior parte do material produzido continua reproduzindo estereótipos machistas dos níveis mais tóxicos, objetificando mulheres e legitimando a violência. Tem sido cada vez mais difícil que isso fique sem resposta, porém. Só que a discussão ainda não é bem vinda na maioria dos espaços, e por muitos é considerada como alheia à produção de quadrinhos em si. É comum que as próprias mulheres se sintam desconfortáveis falando sobre igualdade no meio dos quadrinhos, como se esse fosse um tópico superado ou secundário. O tema é desconfortável justamente porque não foi superado, porque ainda temos que lidar com representações tóxicas nas histórias, ainda temos que lidar com preconceito com relação ao nosso trabalho vinda não só do público,

mas de editores, e ainda temos dificuldade para lidar abertamente com casos de machismo em nosso meio. Então, precisamos continuar discutindo e pressionando, colocando o dedo na ferida.